



COMUNIDADE PGEM

Biblioteca Esotérica Virtual
<http://www.pgem.hpg.com.br>

OS SETE TEMPERAMENTOS HUMANOS

Ângela Maria La Sala Batà

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
○ PRIMEIRO TEMPERAMENTO: VONTADE-PODER	7
Qualidades do Primeiro Temperamento	13
Guia para auto-análise	13
Advertência	14
○ SEGUNDO TEMPERAMENTO: AMOR-SABEDORIA	15
Qualidades do Segundo Temperamento	20
Guia para a Auto-análise	20
○ TERCEIRO TEMPERAMENTO: ATIVIDADE DA MENTE	22
Qualidades do Terceiro Temperamento	26
Guia para a Auto-análise	26
○ QUARTO TEMPERAMENTO: HARMONIA ATRAVÉS DO CONFLITO	28
Qualidades do Quarto Temperamento	34
Guia para a Auto-análise	34
○ QUINTO TEMPERAMENTO: CONHECIMENTO CONCRETO	36
Qualidades do Quinto Temperamento	41
Guia para a Auto-análise	41
○ SEXTO TEMPERAMENTO: DEVOÇÃO E IDEALISMO	43
Qualidades do Sexto Temperamento	48
Guia para a Auto-análise	48
○ SÉTIMO TEMPERAMENTO: CONCRETIZAÇÃO FÍSICA	50
Qualidades do Sétimo Temperamento	54
Guia para a Auto-análise	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56

INTRODUÇÃO

A maior parte da infelicidade humana deriva do fato de o homem não conhecer a si próprio, de não saber distinguir, dentre as múltiplas flutuações da sua psique, sua essência íntima e verdadeira, sua nota permanente.

É raro encontrar um indivíduo em perfeita harmonia consigo mesmo, capaz de dar expressão ao seu "eu" real, e de chegar à autorealização, que é fonte de equilíbrio, de bem-estar e de serenidade.

Eis por que se dá tanta ênfase à importância do autoconhecimento e dos estudos psicológicos. Na verdade, o autoconhecimento não é, de fato, um alvo em si mesmo, porém estabelece a base para a reconstrução e harmonização da psique e para o reconhecimento do verdadeiro eu, que é a força integrante da personalidade.

Esse é o processo da individuação de que fala Jung, a psicossíntese de Assagioli, a luta pela auto-realização de Karen Horney, que, no prefácio de seu livro *Neurose e Desenvolvimento da Personalidade*, diz: "O conhecimento de si próprio não é. . . um escopo por si mesmo, e sim o meio de liberar a energia do desenvolvimento espontâneo. Nesse sentido, ocuparmo-nos de nós mesmos torna-se não só a mais importante obrigação moral, como, ao mesmo tempo, e no autêntico significado da palavra, o mais importante *privilégio* moral".

É claro, pois, que se quisermos realmente encontrar o equilíbrio dentro de nós – alcançando, assim, a expressão do nosso verdadeiro eu –, devemos começar pelo autoconhecimento. Isso não só nos trará serenidade e harmonia mas nos fará capazes de compreender melhor os outros, amá-los, auxiliá-los, fazendo-nos fontes de bem e de força para todos aqueles que encontrarmos.

A aspiração ao autoconhecimento não é, todavia, sintoma de egocentrismo, e sim de uma necessidade real do homem, de uma exigência profunda e construtiva, que trará, em seguida, resultados úteis e benéficos para a própria pessoa e para os demais.

Com o presente curso, queremos oferecer, àqueles que desejarem se conhecer, um método simples e prático de auto-análise, proveniente do estudo de uma tipologia psicológica, de origem espiritual, chamada tipologia dos Sete Raios, ou Sete Temperamentos Humanos.

O estudo das várias tipologias psicológicas é de grande auxílio para o nosso autoconhecimento, já que nos oferece termos de comparação, exemplos que podem ser de estímulo e esclarecimento para o nosso caso particular.

Desde a Antigüidade reconheceu-se a existência dos vários temperamentos entre os homens, e várias classificações foram tentadas. Basta que mencionemos a classificação – ainda hoje cotada – do médico grego Hipócrates (exposta há mais de 2.000 anos), que subdividia os homens em quatro temperamentos – o sanguíneo, o fleugmático, o colérico e o melancólico baseando-se, de uma forma simplista, em diferenças fisiológicas.

É preciso chegar a Carl Gustav Jung para se ter uma tipologia fundamentada em estudos mais profundos, e corroborada por observações e experiências psicológicas sérias e acuradas.

A classificação de Jung, hoje largamente difundida, e que se refere a *introvertidos* e *extrovertidos*, mostra-se, na verdade, de grande interesse e utilidade, e lançou luz nova sobre o complexo mecanismo da psique humana.

Neste Curso, preferimos descrever a mencionada tipologia dos Sete Raios, porque, sendo de origem espiritual, compreende todos os aspectos do homem, dos mais altos aos mais baixos, e é, portanto, mais completa e mais ampla, e, apesar de sua aparente complexidade, é simples e racional.

Não nos ocuparemos do aspecto cósmico e metafísico dos Raios, porque isso nos levaria muito longe, mas examinaremos apenas o lado psicológico da sua manifestação em plano humano.

Diremos apenas que os Sete Raios são considerados sete energias que, partindo diretamente da Divindade, permeiam e influenciam todos os planos da manifestação, criando, no plano humano, sete tipos psicológicos diferentes, porque cada um deles é classificado por uma nota que lhe é própria.

Esta concepção dos Sete Raios vem da doutrina oculta da criação, segundo a qual *o Um torna-se Três, e os Três tornam-se Sete*. O espiritualismo se baseia nessa visão de um universo que é uno com Deus, do mais alto ao mais baixo plano. E essa verdade está muito bem expressa por Van der Leeuw em seu livro *O Fogo da Criação*, com as seguintes palavras: "Não há Deus de um lado e de outro lado o Universo. Não há um Ser Divino acima e um mundo sem Divindade abaixo, mas Deus está presente em cada ponto do Seu universo e pode ser alcançado e sentido em qualquer um desses pontos".

Os Sete Raios expressam, portanto, sete qualidades, derivadas da triplicidade fundamental – Vontade, Amor, Inteligência Criadora (Pai, Filho e Espírito Santo) –, e que, em seu conjunto, formam a harmonia perfeita, a completação psicológica do homem.

E são:

- I. Raio, Vontade-Poder;
- II. Raio, Amor-Sabedoria;
- III. Raio, Atividade da Mente;
- IV. Raio, Harmonia através do Conflito;
- V. Raio, Ciência Concreta;
- VI. Raio, Devoção;
- VII. Raio, Concretização Física;

Cada um deles tem como característica uma qualidade psíquica especial, diferente dos outros, mas, como em seguida a veremos, derivam de cada um

dos raios de muitas outras qualidades, positivas e negativas, que, em seu conjunto, formam um temperamento, um tipo psicológico bem delineado.

Os Sete Raios poderiam dividir-se em dois grupos de três, e um à parte, já que os primeiros três são introvertidos e os últimos três são extrovertidos, sendo o do centro ambivertido. Na verdade, o Primeiro Raio representa a Vontade dirigida para o mundo interior e para o alto, isto é, autodomínio e o propósito espiritual do homem, portanto a vontade introvertida; o Segundo Raio, o amor para o Deus interior, para a Alma, compreendida como consciência, a sensibilidade psíquica, a busca interior; o Terceiro representa a Inteligência abstrata, a atividade da mente voltada para o mundo das idéias, para o conhecimento das causas, para a síntese.

Os Raios de números V, VI e VII correspondem aos primeiros três, mas em sentido inverso, isto é, o V corresponde ao III, o VI ao íleo e o VII ao I.

O Quinto Raio expressa, na verdade, a atividade da mente concreta, a inteligência voltada para o mundo objetivo, para o mundo fenomenal, isto é, para a ciência, a pesquisa, a análise; o Sexto representa a devoção, o amor para com um ideal, a busca de Deus fora de si próprio, o misticismo, a aspiração para o alto, a ascese; o Sétimo representa a vontade dirigida, como força organizadora sobre o mundo da forma, o domínio das energias físicas e etéricas, a imposição de um ritmo, a ordem, o cerimonial.

O Quarto Raio é ambivalente; portanto, está a seu modo. Ele alterna, realmente, o movimento de extroversão com o de introversão, e expressa a harmonia, a fusão, a síntese entre os opostos.

A esta altura, é preciso fazer sentir que, embora sendo tão diversos psicologicamente, os sete raios não devem ser considerados como melhores alguns, e piores outros. Eles expressam sete notas diversas, porém todas elas igualmente úteis e necessárias ao desenvolvimento harmônico do homem. São como as sete notas musicais, ou as sete cores do arco-íris, que, consideradas separadamente, são bem diferentes, às vezes até contrastantes, mas, tomadas em conjunto, formam a harmonia e a luz branca, respectivamente. Isso acontece também para o homem: no início de seu caminho evolutivo está imerso na multiplicidade, na separatividade, e sente a qualidade dos raios como notas distintas e separadas. Pouco a pouco, entretanto, ao passo que evolui e se torna mais completo, mais integrado, compreende a possibilidade, e finalmente a necessidade da fusão e da síntese de todos os raios. Na realidade, o homem perfeitamente desenvolvido e harmonizado deveria poder compreender e manifestar todas as sete notas psicológicas dos raios. Todavia, isso poderá chegar ao fim do caminho evolutivo, quando ele for a expressão de uma individualidade espiritualizada perfeita, que tem em si mesma um reflexo da Divindade, e talvez da completação. Antes desse momento final, a multiplicidade de expressões é necessária, constituindo meio de experiência e desenvolvimento. Os sete Raios são, na verdade, algo mais do que sete qualidades psicológicas: são sete caminhos de desenvolvimento que conduzem, todos, à mesma meta. São como os raios de uma circunferência que convergem todos para o mesmo centro, partindo da periferia do círculo, e que, à proporção que se adiantam, vão sempre se avizinando mais entre si. Assim, essas sete correntes de energia, esses sete caminhos, que são os Raios, ao passo que sobem pela via da evolução,

tendem a integrar-se, a unir-se, a completar-se alternadamente e, superando os contrastes, apagando a diversidade, até chegarem à síntese, à Unidade.

O escopo do homem é o de se tornar perfeito, completo, e não de permanecer unilateral. Se um homem, por exemplo, tem uma Alma do Raio 1, que é o da Vontade-Poder, não será perfeito enquanto não desenvolver também as notas que lhe faltam, isto é, o amor, a compreensão, a harmonia, etc.

Através de tudo quanto foi dito até agora, compreende-se bem como o estudo dos sete raios, do ponto de vista psicológico, é útil para o nosso autoconhecimento. Tal estudo oferece, realmente, um quadro dos vários tipos psicológicos com suas características, com suas qualidades e seus defeitos, com seus problemas e suas crises, que podem ser para nós como um reagente psicológico que nos ajudará a esclarecer os lados do nosso caráter que ainda não conhecemos, ou que não queremos conhecer. Assim, pouco a pouco, se irá delineando nosso verdadeiro aspecto, o nosso real temperamento, com a sua nota essencial, suas potencialidades, e assim poderemos compreender qual é a linha de desenvolvimento mais adequada para nós, qual é nossa verdadeira tarefa, e também quais são nossas lacunas e deficiências.

Ao nos analisarmos, tendo presente a tipologia dos sete raios, perceberemos, depois de exame atento e acurado, que, em meio a todos os elementos, qualidades e tendências que existem em nossa psique, há uma nota prevalecente e dominante, que retorna sempre, embora a reprimamos, se as circunstâncias da vida não nos consentem expressá-la. Essa nota ali está, no centro de nós mesmos, presente embora oculta, viva apesar de sufocada. E uma força que agora ou mais tarde deverá brotar, manifestar-se, e fazer seu curso.

Se facilitarmos a manifestação dessa força central do nosso ser, evitaremos infinitos contrastes interiores, crises e sofrimentos, e alcançaremos aquele equilíbrio, aquela eficiência, aquele bem-estar que são a base para uma vida ampla e completa.

Antes de terminar esta breve lição introdutória, é necessário que mencionemos ainda uma outra coisa.

Veremos, ao estudarmos ponto por ponto os Sete Raios, que em cada um deles há uma nota fundamental, e depois muitas outras qualidades positivas e negativas.

Alguém poderá indagar de si mesmo: De que forma uma energia de caráter espiritual, uma qualidade que tem sua origem diretamente de Deus, pode produzir qualidade negativa?

Dissemos, anteriormente, que as sete energias dos raios podem manifestar-se em todos os níveis da manifestação, do mais alto ao mais baixo, e assim tomam, por assim dizer, o colorido da qualidade em cujo plano vibram em um dado momento. Da mesma forma, no que se refere ao homem, um raio tomará o colorido de qualidades e vibrações diversas, segundo o grau evolutivo do indivíduo que delas é a expressão, e conforme o veículo onde aquele indivíduo está polarizado.

Se, por exemplo, um homem é ainda primitivo e está polarizado no físico, o seu raio se manifestará através do veículo físico, tingindo-se da *qualidade* daquele veículo, alterando-se e poluindo-se ao contato das limitações e das impurezas dele.

A energia é pura, mas o veículo pode ser impuro.

É sempre a mesma energia dos Sete Raios que vibra no santo que chega ao martírio, ou no fanático que comete crueldades e injustiças em nome do seu ideal.

No santo, a energia da devoção encontra um canal já purificado e elevado; no fanático, encontra um instrumento ainda imperfeito e manchado de impurezas.

A energia é sempre a mesma, porém muda de *freqüência de vibrações* conforme o nível no qual se manifesta.

Devemos, por fim, considerar um outro lado muito importante do estudo dos raios, e que é o ensinamento que eles nos dão para que melhor compreendamos os outros, e para estarmos de acordo e nos integramos com indivíduos de temperamentos diferentes do nosso.

Nem sempre podemos viver ao lado de pessoas com as quais tenhamos afinidades, e assim a vida muitas vezes nos faz estar ao lado de pessoas inteiramente diferentes de nós e com as quais às vezes devemos conviver. Isso não acontece por acaso, pois o contato com temperamentos diferentes do nosso, ou até mesmo opostos ao nosso, é fecundo e construtivo. Devemos aprender que a diversidade é uma riqueza e que a verdade tem muitas faces. Cada temperamento tem suas qualidades positivas, que talvez sejam até mesmo aquelas que nos faltam.

Com pessoas assim diferentes de nós, devemos nos integrar e criar uma ponte de compreensão e de colaboração.

Quando tal atitude de compreensão se tiver difundido no mundo, o homem de ciência não desprezará o místico, nem o homem de a cão zombará do filósofo, mas cada qual saberá que está em uma das muitas estradas da evolução que existem, e procurará, antes, aprender com outros aquilo que a ele falta.

No mundo, existe a ciência, expressão do quinto Raio; a religião, expressão do sexto Raio; a política, expressão do primeiro; a filosofia, expressão do terceiro, e assim por diante. Todos são caminhos que conduzem a uma idêntica meta: a Unidade de onde viemos e para a qual retornaremos, enriquecidos pela nossa experiência e cientes de que somos parte da Realidade Divina.

O PRIMEIRO TEMPERAMENTO: VONTADE-PODER

Antes que sejam descritas as características particulares desse temperamento, devemos procurar compreender a essência da nota fundamental que o caracteriza, isto é, a Vontade.

Isso não é fácil, porque a vontade, embora sendo um aspecto tão importante e fundamental do homem, tem sido um pouco descuidada pela psicologia. Falou-se de percepção, de sentimento, de pensamento, e até de intuição, mas bem pouco se falou da vontade.

O aspecto metafísico da vontade foi, realmente, mais estudado do que o aspecto psicológico. É verdade que numerosos filósofos disso se ocuparam, de São Tomás a Kant, de Schopenhauer a Croce, mas as opiniões foram de tal modo diferentes que não se chegou a uma conclusão clara e precisa. A concordância maior que se obteve nas opiniões referiu-se ao reconhecer na vontade uma origem transcendente e espiritual, a ponto de identificá-la com a força suprema do universo.

Mesmo as doutrinas espiritualistas consideram a vontade como o Motor Primeiro, o aspecto Pai da Divindade, o elemento transcendente em todos os níveis e em todos os seres.

Todavia, para os fins do nosso autoconhecimento, interessa-nos o lado psicológico da vontade, o que se expressa através do homem, e faz dele um ser capaz de querer, de determinar-se, de autogovernar-se.

Na realidade, a vontade é como a consciência: para ser compreendida deve ser experimentada. Há uma profunda analogia entre a consciência (compreendida como autoconsciência) e a vontade, porque ambas são difíceis de se definir, já que são realidade subjetiva.

A autoconsciência, ou ciência de ser um eu, é como o ponto central da consciência, firme e estável, que jamais muda, e que nos dá o senso da identidade pessoal e integridade psicológica. Esse fato de saber-se que se é um eu (e que ainda não é o senso do Eu Espiritual) representa um ponto firme na multiplicidade das flutuações da psique, e que aflora quando se alcança a integração dos elementos da personalidade.

A vontade é aliada a essa autoconsciência, porque pode emergir e agir apenas quando foi formado o senso do eu.

A vontade, realmente, apóia-se, por assim dizer, no eu, e podemos, portanto, dizer que, assim como a autoconsciência é o eu que se conhece, a vontade é o eu que se governa. Na verdade, a definição mais simples e mais exata da vontade é a seguinte: "A vontade é o poder de autogovernar-se".

Quem experimentou a vontade como realidade interior, sabe que ela é uma força que, no que se refere à consciência comum da personalidade, apresenta-se como alguma coisa *que está fora* do eu, de tal modo que pode governá-lo e determiná-lo.

Annie Besant, em seu livro *Estudo sobre a Consciência*, realmente assim se expressa com referência à vontade: "A vontade é o ponto de vista do poder da consciência, sempre velado no eu, que se esconde, por assim dizer,

atrás da Sabedoria e da Atividade, mas que a ambas impele, para que se manifestem. A sua natureza é tão oculta que chega a haver quem a julgue una com a atividade, negando-lhe a dignidade do aspecto de consciência. Todavia, a atividade é ação do eu sobre o não-eu, o que dá ao não-eu a sua realidade temporária, a que cria; mas a vontade está sempre oculta no interior, dá impulso à atividade, atrai, rejeita. É o coração do coração do ser. A vontade é o poder que está por trás do conhecimento e estimula a atividade. O pensamento é a atividade criadora, mas a vontade é a sua força motriz.

Vimos, pois, que a vontade é uma energia interior, um poder central do homem que é parte essencial da sua natureza, mas que deve ser conhecida *por experiência direta*, e só então é plenamente compreendida.

Diz Assagioli: "A vontade é, ou pode ser, uma daquelas experiências diretas, daquelas realizações principais, que se revelam por si mesmas, sem necessidade de provas e demonstrações ulteriores".

Talvez seja por isso que a vontade se distingue de todas as demais atividades psíquicas, mais ou menos conscientes, porque só ela é consciente e livre, só ela é capaz de propor a si mesma uma finalidade a alcançar, e de escolher os meios para conseguir isso. Daí a seguinte definição: "A vontade é um impulso da nossa consciência, dirigido a um fim proposto com conhecimento, e com meios deliberada mente escolhidos".

A vontade, portanto, sabe sempre o que quer, e também sabe como obter o que quer. Por isso distingue-se claramente do desejo, com o qual muitos a confundem.

O desejo é, com freqüência, mais contemplativo do que ativo e permanece uma coisa relativamente passiva. No desejo, o eu é um simples espectador; na vontade, ao invés disso, nós nos sentimos como autores das nossas volições.

Além disso, a vontade volta-se apenas para seus fins possíveis, cuja atuação depende de nós, enquanto o desejo pode voltar-se também para o impossível. A vontade, quando encara um fim, procura também obter os meios para alcançar esse fim, enquanto o desejo pode permanecer inerte, mesmo quando se volta para objetivos que dependem de nós. Podemos, por exemplo, desejar vivamente uma virtude, mas nada fazer, ou bem pouco, para possuí-la. A vontade pode, assim, estar até mesmo em conflito com o desejo e inibir o seu impulso.

Uma outra observação interessante sobre a vontade, e que nos leva a compreender melhor a sua natureza, é a que provém do exame do momento da volição, que se apresenta de súbito à consciência, como uma espécie de crise, e leva a precipitar num instante a decisão. Diz Stuart Mill: "Trata-se de um "fiat" que, à guisa de lâmina de faca, corta, em certo ponto, a história da nossa existência em duas partes, separando claramente o passado do futuro".

Esse *fiat*, entretanto, fora precedido por uma preparação interior, por um período de reflexão, de avaliação, e, finalmente, de escolha.

Na verdade, um dos maiores obstáculos à vontade é a incapacidade de escolher, de decidir, que muitos indivíduos dos outros temperamentos têm, e que ficam eternamente se debatendo e indecisos entre duas ou mais

alternativas. Quando a vontade está presente, uma das alternativas deve, inevitavelmente, ser eliminada, uma renúncia deve ser feita, com a finalidade de alcançar a meta proposta. Toda a vida dos homens de vontade é juncada de renúncias, de superações, de eliminações, de nem sempre fáceis escolhas, diante do escopo a alcançar.

Isso, mais do que nunca, se faz percebido em pessoas de vontade fraca, incapazes de se decidirem, e que estão continuamente oscilando entre várias instâncias, sem levarem ao fim empresa alguma.

Todavia, a vontade é uma faculdade que está implantada em todo o homem, em estado mais ou menos potencial, e que pode ser invocada e aumentada com o exercício e com o uso, e que, quando empregada, tem desenvolvimento rápido e inesperado, talvez mais do que acontece com qualquer outra qualidade. Não devemos, porém, esquecer que ela deriva do instinto de auto-afirmação reprimido, e depois transformado, e que é, portanto, uma energia dinâmica e propulsora, que tende, inevitavelmente, a manifestar-se antes ou depois, como todas as demais forças instintivas.

A vontade se afirma, acima de tudo, diante dos obstáculos, e é, justamente, *liberação* da força interior em relação à força exterior.

A vontade pode ter manifestações muito elevadas, ou muito baixas, conforme o grau evolutivo do indivíduo que a possui, porque é uma energia que pode ser usada tanto para o bem como para o mal.

O impulso e o fim é que qualificam a vontade, para torná-la uma força construtiva para o bem, ou uma potência destrutiva e maléfica, quando dirigida para fins egoísticos e maldosos.

Isso explica por que a nota fundamental da Vontade-Poder, em si mesma positiva e necessária à evolução humana, pode produzir, ao lado de uma qualidade desejável e boa, também qualidades negativas e perigosas, que fazem muitas vezes do indivíduo do primeiro raio um ser separativo e quase desumano, instigado por uma indomável sede de poder e destruição.

Tais considerações foram levadas quase que inadvertidamente do exame da nota da vontade para o temperamento psicológico que a expressa concretamente.

Procuraremos agora, portanto, analisar esse temperamento, chamado do primeiro raio.

O temperamento do primeiro raio, como dissemos, tem como nota fundamental do seu caráter a vontade. Fundamental, mas não *única*, pois que, na realidade, não existe um indivíduo que tenha somente a nota da vontade, mas indivíduos que a têm como qualidade prevalecente e dominante, suavizada sempre por outras qualidades ou faculdades, embora menos desenvolvidas e menos evidentes.

A vontade produz, nos temperamentos que a expressam, uma série de outras qualidades secundárias, como, por exemplo, a força, a firmeza, a decisão, a coragem, a perseverança, a sinceridade, a capacidade de dirigir e de governar, de legislar, de formular planos, a visão ampla e impessoal, o senso de justiça, etc.

O impulso primitivo do *querer*, para ter a possibilidade de atuar quanto aos fins a que se dirige, desenvolve, naturalmente, todas as qualidades descritas. De fato, como é possível alcançar um objetivo sem que se possua firmeza, coragem, perseverança, decisão, etc.?

Por outro lado, essa energia, assim elevada, pode dar lugar, conforme dissemos, também a uma conseqüência negativa: nem todas as qualidades que derivam da vontade são positivas e úteis, pois muitas revelam-se negativas e danosas, e com freqüência são estas últimas que aparecem nos indivíduos do primeiro raio, porque os tipos mais evoluídos desse temperamento são raros.

Orgulho, ira, dureza, crueldade, ambição, obstinação, destrutividade, isolamento egoístico são todas qualidades negativas, que também nascem do impulso do *querer*, porém degenerado e poluído pela impureza do veículo em que se manifestam. Em outras palavras, a energia da vontade, se expressa em indivíduos pouco evoluídos, ainda presas de seus mais baixos instintos e de seu egoísmo, é uma força perigosa e nociva, e pode causar muito mal.

Os temperamentos menos evoluídos do primeiro raio nada mais vêem senão a finalidade a alcançar (seja ela boa ou má) e não se importam se em sua caminhada para a meta proposta abatem coisas ou pessoas, destroem tudo quanto se lhes faz obstáculo, seja uma coisa externa ou uma coisa proveniente de seu mundo interior. Na realidade, tais pessoas são duras e inflexíveis não só para com os outros, mas também para com elas próprias, porque, para elas, o que conta acima de tudo é expressar a potência da sua vontade e conseguir o fim pretendido.

Na realidade, se analisarmos bem alguns dos defeitos do primeiro raio, perceberemos que eles são, por assim dizer, espontâneos e inevitáveis, porque derivam da mesma nota que o caracteriza: a vontade. A crueldade, por exemplo, não é o prazer de causar sofrimento aos outros, mas uma conseqüência inevitável da decisão de alcançar a meta, e que torna a pessoa insensível a qualquer outra coisa, sejam puros sentimentos, sofrimentos, ou razões de outra pessoa. É uma crueldade inconsciente que, como dissemos antes, pode voltar-se até mesmo contra quem a exerce, e torna o temperamento do primeiro raio capaz de suprimir e destruir até mesmo as próprias aspirações sentimentais e qualquer outro desejo, se forem obstáculos para o fim proposto. O caso é que o tipo do primeiro raio tem um desprezo inconsciente pelo sentimentalismo, a afetividade, a emotividade, a doçura, a piedade, coisas que ele considera como demonstrações de fraqueza.

Existe, realmente, uma incompatibilidade de caráter, por assim dizer, entre os temperamentos do primeiro raio e os do segundo, que têm como nota fundamental o amor, já que são opostos. Na verdade, essas duas notas da vontade e do amor devem integrar-se alternadamente, enriquecer-se e completar-se mutuamente. De início, todavia, contrastam um com o outro, até que do conflito venha a nascer a harmonia e a integração.

Voltando ao primeiro raio, vejamos uma outra sua característica negativa, conseqüência de sua nota fundamental, e que é a destrutividade.

Esta é, talvez, a característica mais danosa e perigosa entre as qualidades negativas, porque pode ocasionar conseqüências desastrosas: violência, brutalidade, homicídio, guerra, conflitos entre os povos e entre os indivíduos. Todavia, essa destrutividade, embora sendo força

perigosa, pode ser necessária e útil em certos casos, quando, por exemplo, volta-se para a desagregação de cristalizações e preconceitos, para romper barreiras e dependências que formam obstáculos ao progresso e à liberdade, para aniquilar impedimentos externos ou internos no que se refere à evolução. Na verdade, o tipo de vontade usa a destrutividade também contra os próprios defeitos e à própria imperfeição. Em sua autoformação usa uma técnica que lhe é própria, inconfundível, que leva à supressão impiedosa da negatividade. Veremos mais tarde que bem diversos são os métodos de autoformação dos outros raios.

É fundamental, no tipo psicológico que estamos examinando, a sede de liberdade, o desejo de independência e autonomia, seja em sentido objetivo, seja em sentido subjetivo. Na verdade, toda a vida do homem desse raio é caracterizada por essa aspiração, consciente ou inconsciente, que pode traduzir-se, nos tipos menos evoluídos, pela rebelião, intolerância quanto a leis, em anticonformismo, em falta de sociabilidade, em incapacidade de obedecer e colaborar, de realizar um trabalho organizado por outros, em tendência a dominar, a tyrannizar, a impor a própria força, a sufocar e oprimir quem quer que venha a cair sob sua esfera de influência. Nos tipos mais amadurecidos e conscientes, a exigência de liberdade produz, ao contrário, qualidades positivas, isto é, autonomia, iniciativa, capacidade de tomar decisões, de ter idéias próprias, de ter a coragem de suas próprias opiniões, de saber ficar só, de não ter necessidade de apoio e guia, de saber encontrar o próprio eu, de saber libertar-se de seus próprios instintos e de suas próprias paixões.

O que na verdade faz sofrer mais o temperamento do primeiro raio é a falta de liberdade, a opressão, a coerção, o não poder afirmar-se e afirmar sua própria autonomia, e, por outro lado, o que o torna feliz é poder expressar sua força, sua potência, o dinamismo da sua vontade.

Quando o tipo de vontade é forçado a reprimir-se pelas circunstâncias externas, e não consegue encontrar uma saída, cai em estado de desespero e a energia incoercível da vontade que se choca contra obstáculos intransponíveis volta-se contra ele próprio, levando-o à autodestruição, ao suicídio.

Nesse temperamento, a verdade é que as qualidades negativas e positivas estão estreitamente entrelaçadas e, por assim dizer, interdependentes, de tal forma que é difícil distinguir um tipo inferior e um tipo superior do primeiro raio. Isso acontece, talvez, pelo fato de que também sendo a força interna da vontade e do poder, em si mesma positiva e útil, pode produzir, muitas vezes, nos outros, reações antagônicas e hostis, por um mecanismo inconsciente de rebelião inata em todos os homens. Assim sendo, as suas manifestações não se vêem julgadas objetivamente. Na verdade, a vontade jamais deveria ser usada contra os outros, mas contra a própria pessoa, porque o homem é livre por sua natureza, e não suporta imposições, a menos que seja ainda informe, passivo, e quase patologicamente necessitado de apoiar-se numa vontade exterior, num outro eu. O indivíduo do primeiro raio é, em geral, um solitário, não suscita simpatia e afeto, mas somente temor ou admiração. Ele é o chefe nato, por isso não tem amigos, mas somente dependentes ou sequazes. É aquele que dirige, e pode, portanto, ser o ditador que considera os demais como instrumentos do seu plano, ou o legislador sábio e justo, capaz de dar a direção, de formular os planos, mas de deixar aos seus dependentes uma

certa autonomia, e a iniciativa necessária para levar à execução as suas ordens.

Se quisermos mesmo tentar uma subdivisão dos temperamentos do primeiro raio, baseando-nos em seu nível evolutivo, poderemos dizer que existe um tipo inferior, bem como um tipo médio e um tipo superior.

O tipo inferior é aquele no qual a força de vontade ainda se apresenta sob a forma de instinto de auto-afirmação, portanto, como tendência à agressividade, à violência, à luta, à prepotência, e no qual o eu ainda está completamente obscurecido pelo egoísmo e pela separatividade, portanto, inteiramente fechado em sua dura casca de egocentrismo e insensibilidade.

O tipo médio é aquele em que a vontade não mais se encontra em estado instintivo, mas se transformou na expressão mental correspondente de ambição, autonomia, orgulho, capacidade de dar ordens a outros e de autogovernar-se, de propor-se uma finalidade, de fazer planos. Existem defeitos, ainda, que, como vimos há pouco, são próprios desse temperamento, mas começam a manifestar-se tendências e qualidades que atenuam e moderam a nota fundamental do primeiro raio, como senso de responsabilidade, a sensatez, o senso do dever, a lealdade, a justiça, a autocrítica, e o respeito pela liberdade alheia. A vontade é mais dirigida para a própria pessoa do que para os demais, e, embora permanecendo o orgulho, o isolamento, a intolerância pela coerção, a dureza, começa a aflorar uma necessidade de integração com outros temperamentos, uma apreciação, com frequência inconfessada, pelas qualidades que lhe faltam, como a compreensão, o amor, a sensibilidade, uma exigência inconsciente de reconstruir o que havia destruído, e de dirigir a própria vontade para finalidades mais elevadas, mais impessoais, mais amplas.

Então, desenvolve-se nele uma tendência para ocupar-se com os problemas universais, com as questões políticas, ou com o quer que diga respeito ao governo dos povos e a capacidade de síntese, e assim ele se dirige lentamente, e inadvertidamente, para a crise que o levará à espiritualidade, ao afloramento dos lados mais altos da sua nota fundamental, e ao reconhecimento do verdadeiro escopo da vontade.

O tipo superior é exatamente aquele que, tendo superado a crise do despertar do Eu superior, ficando assim em contato com a sua Alma, tornou-se consciente das tarefas, das responsabilidades do seu raio, compreendeu qual era o propósito central que deve ser manifestado, e serve-se, assim, para fins superiores, da força que o anima.

Esse é um nível muito difícil de alcançar, e os tipos superiores do primeiro raio são muito raros, já que a Vontade Espiritual se manifesta em um grau evolutivo muito alto. Todavia, há os que já começam a se sensibilizar com o propósito da Alma, e que, esporádica e imperfeitamente, conseguem compreender o verdadeiro objetivo do raio da Vontade.

Para os que sentem em si essa nota e acreditam reconhecer-se nos temperamentos do primeiro raio, basta saberem que a vontade é uma força potente, indispensável ao homem, sem a qual seríamos criaturas incapazes de evoluir, de autogovernar-se e de alcançar a liberação, e que pode ser um meio maravilhoso de bem e de progresso, ou um terrível agente de

destruição e aniquilamento. Deve ser, portanto, desenvolvida e aumentada, mas mantida sob freio e encaminhada para fins nobres e altruístas. Não deve tender a escravizar os demais, porém libertá-los; não deve afirmar-se, mas afirmar os outros; não deve oprimir, mas despertar nos outros a capacidade de se manterem de pé por si mesmos. Deve tornar-se Vontade impregnada de Sabedoria e de Amor, mesclada com compreensão e justiça. Só então essa força revelará a sua origem, e será o reflexo da Vontade espiritual.

Qualidades do Primeiro Temperamento

Positivas: Coragem; Força; Resistência; Sinceridade que nasce da absoluta ausência de medo; Capacidade de governar; Firmeza; Decisão; Senso de justiça; Capacidade de apreender vastos problemas com larga visão.

Negativas: Ambição; Arrogância; Orgulho; Crueldade; Dureza; Ira; Obstinação; Desejo de dominar os outros; Isolamento egoístico; Destrutivismo; Violência; Grosseria.

Virtudes a obter: Ternura; Humildade; Compaixão; Tolerância; Tato; Paciência; Doçura; Amor.

Guia para auto-análise

1. Que qualidades (positivas ou negativas) do 1º Raio pensa possuir?
2. Dentre as qualidades negativas, qual lhe é mais antipática?
3. Tem alguma reação especial interior em relação aos tipos positivos ou negativos do 1º Raio? Pode explicar o porquê de sua reação eventual?
4. Parece-lhe desagradável realizar um trabalho que não organizou pessoalmente?
5. Se por acaso descobrir em si próprio um defeito, um lado negativo, sente o impulso de combatê-lo, de destruí-lo com a força, sentindo quase que uma sensação de cólera, de ódio por aquele defeito? Ou procede de outra maneira?
6. Gosta de estar sozinho? Sente-se sozinho mesmo em meio a uma multidão?
7. Sente-se inclinado a cooperar com os outros, ou prefere trabalhar sozinho e escolher um trabalho de sua própria criação?
8. Ama a liberdade, a absoluta independência exterior e interior, e não tolera que ninguém intervenha nessa sua liberdade?
9. Sente-se capaz de mandar, de dirigir e, havendo ocasião, de fazer leis e regulamentos específicos?
10. Sente a harmonia das cores e dos sons, ou nenhuma cor tem importância especial a seus olhos, nem a música suscita qualquer vibração emotiva?
11. Seu mais alto objetivo, seu ideal, é a independência absoluta, o autodomínio, a liberdade, a autonomia?
12. Tem tendência à síntese ou prefere a análise?

Advertência

O leitor pode cooperar utilmente com o presente curso se, depois de ter estudado cada lição, quiser analisar-se segundo o elenco das qualidades e das perguntas que seguem cada lição.

Vale a pena refazer a auto-análise após 6 meses e após um ano.

Não se esqueça o leitor que a auto-análise é mais eficaz quando feita por escrito.

O SEGUNDO TEMPERAMENTO: AMOR-SABEDORIA

Este temperamento tem um aspecto duplo, isto é, tem duas notas fundamentais: o amor e a sabedoria.

De pronto pode parecer estranha essa união de coisas aparentemente diferentes entre si, mas, na realidade, isso é muito significativo e importante, como veremos mais adiante.

Examinemos esses dois aspectos, começando pelo amor.

Existem as maiores confusões e incompreensões quanto à palavra "Amor", que tem sido usada, com excessiva freqüência, para indicar sentimentos, impulsos, atitudes que nada têm a ver com o amor.

Para compreender bem a verdadeira natureza e a essência profunda e espiritual dessa força, desse sentimento universal, é necessário inserir o amor em uma concepção mais vasta, e remontar à sua origem cósmica.

O amor, na realidade, é a tendência profundamente inata em toda a forma, em todos os seres, em toda a criatura, à união, à completação, à integração. É a manifestação da grande Lei de Atração que vibra em todo o cosmos, dos planos mais altos aos mais baixos. É a expressão de um potente magnetismo universal, sem o qual tudo se desagregaria e tudo se dissolveria em nada.

Diz A. A. Bailey: "O Amor é o grande unificador. É o principal impulso de atração cósmica e microcósmica" (*Tratado de Magia Branca*).

A essa altura, podemos perguntar: "Por que existe essa lei de atração? De que deriva ela?"

Tudo aquilo que existe na manifestação, em sua multiplicidade e diferenciação, provém da mesma origem, do Absoluto, de Deus, portanto, de uma Unidade.

Em toda forma, em todo o ser, permanece sempre a marca, por assim dizer, dessa origem comum, quase um conhecimento obscuro e oculto dessa Unidade originária, e isso se revela numa tendência inconsciente, mas poderosa, para retornar à fonte, para reunir-se, superando as diferenciações e as separações, para completar-se e integrar-se, para readquirir o senso de unidade perdido.

Essa é a causa da Lei de Atração que se manifesta em todos os níveis, em infinitas maneiras e graus, e que faz sempre sentir sua presença e sua força. É a força coesiva que mantém ligados os átomos da matéria. É o instinto gregário que estimula os animais a reunirem-se. E, enfim, no plano humano, aquela exigência profunda, aquela aspiração constante quanto a completar-se, a unir-se com qualquer coisa, com alguém que lhe seja diferente, e que toma o nome de "amor", manifestando-se de muitíssimas formas, conscientes ou inconscientes, e em vários níveis, conforme o grau evolutivo do indivíduo, ou vai de um senso de unidade humana com os outros a um senso de unidade espiritual com todos e com tudo, de um senso de atração emotiva e de simpatia para com uma outra pessoa para um senso de completa identificação com todos os seres do plano espiritual.

É aquela força que faz do homem um ser "social", capaz de criar para si relacionamento humano e vínculos afetivos, sobre o plano pessoal, e que depois, com o despertar do Eu Espiritual, torna-se consciência de grupo, e, enfim, consciência universal.

Levando o exame para outro aspecto desse raio, isto é, para a sabedoria, vemos que ela está unida ao amor, nesse tipo psicológico, para mostrar que o verdadeiro amor nunca é agitado, passional, turbulento, e sim um sentimento sereno, calmo, uma tendência espontânea para simpatizar com todos, uma afetividade natural, uma necessidade de união inata, que não põe em tumulto as ondas emocionais, não ofusca a mente, antes lhe dá sensibilidade e intuição, compreensão e tato.

É a *inteligência do coração*, que, depois, em nível espiritual, torna-se intuição e capacidade de identificação.

A sabedoria, portanto, está unida ao amor para indicar sua qualidade de amor maduro, compreensivo, intuitivo, abrangente.

Na verdade, a sabedoria nasce quando a mente não põe obstáculos ao coração, antes colabora com ele e coloca sua luz a serviço da sua sensibilidade, assim o amor se torna também compreensão, ante-vidência, capacidade de ajudar e de aconselhar, de educar, e torna-se uma força do bem, real e inteligente.

Indo agora para o tipo psicológico das notas Amor-Sabedoria, vemos que ele é uma pessoa que, em geral, embora muito evoluída, pode passar inobservada, e suas qualidades também podem, inicialmente, deixar de ser reconhecidas e apreciadas, porque não aparecem à superfície, mas vibram em profundidade. Todavia, ele é um desses indivíduos que emanam calma e serenidade, que inspiram confiança, com os quais as pessoas são levadas a se abrir, a confiar, a *serem elas mesmas*, e assim mostrarem "o melhor de si", já' que o segundo raio tem o poder de evocar a qualidade melhor de um indivíduo, com a sua compreensão, com o seu amor e com a sua inabalável confiança no bem.

Ele, portanto, pode ser um educador perfeito, e mesmo reeducador, pois em tudo vê o lado bom e sabe colher a cintilação do bem, mesmo sob a aparência mais negativa. Uma das qualidades mais positivas e evidentes de seu caráter é, na verdade, o seu construtivismo, isto é, a segurança interior de que tudo trabalha para um bom fim, um fim justo e honesto, a fé intuitiva de que o mal é só temporário, seja o das pessoas, seja o das situações da vida, e não passa da aparência de um bem que não sabemos reconhecer.

Seus dotes positivos são também a paciência, o tato, a humildade, a confiança, a calma, a serenidade, a sensibilidade, a aceitação, a ante-vidência, a decisão. . . Todas as qualidades, em suma, que derivam de uma disposição amorosa e de um coração sensato.

O indivíduo evoluído desse raio dificilmente perderá a calma e se deixará tomar pela cólera, ou se deixará tomar pela pressa, ou perderá sua confiança nas pessoas e na vida. Será sempre tolerante e benévolo em relação aos outros, porque será espontaneamente levado (como dissemos) a ver mais as qualidades do que os defeitos das pessoas.

Contudo, não se deve crer que os tipos positivos do segundo raio possam ser apenas educadores. Eles podem colocar-se em todas as linhas da atividade humana, mas levam sempre, cada qual em seu campo, a nota fundamental do próprio temperamento.

Um indivíduo do segundo raio, por exemplo, pode também ser um homem de negócios, mas terá o dom de convencer os outros, pois será benévolo e sensato, e não se atirá a empresas arriscadas, porque terá o dom da previdência e da prudência.

Como homem das armas fará planos completos antes de agir e saberá prever todas as possibilidades. Sua intuição sempre irá guiá-lo e ele não levará seus homens ao perigo inutilmente, por excesso de pressa para agir. Será lento na ação, mas sensato, inteligente e prudente.

Como artista, procurará expressar sempre alguma coisa, instruir através de sua obra, trate-se de trabalho literário, pictórico ou outro.

Como médico, procurará conhecer a fundo o temperamento do paciente, conversando longamente com ele, já que será levado, instintivamente, a curar-lhe também o espírito, tornando-se seu conselheiro e confidente. É, na realidade, o psicólogo por natureza, capaz de intuição, de compreensão, de identificação com o espírito alheio.

Como cientista, filósofo ou estudioso, seja em que campo for, tem sua forma especial de proceder, porque sente a exigência inata de tornar os vários conhecimentos uma parte da sua consciência. Não passa a outro assunto, na verdade, enquanto não sente que aquele que está estudando tornou-se "parte de si". E isso faz porque o temperamento do segundo raio é, acima de tudo, um intuitivo, não um intelectual, e não gosta de acumular conhecimento e teorias ou profundas cogitações mentais, mas sente grande necessidade de identificar-se com os vários assuntos que está estudando. Daí ser a sua forma de proceder um tanto lenta na assimilação, coisa que se de um lado tem suas vantagens, pode produzir nos tipos menos evoluídos, nos quais a intuição ainda está adormecida, a inércia e o torpor mental, a preguiça intelectual.

Todavia, podemos estar certos de aquilo que ele sabe, e eventualmente ensina, não é mero conhecimento intelectual, mas fruto de profunda convicção, uma parte dele próprio. Isso faz, sim, com que o tipo do segundo raio seja dotado de grande comunicabilidade e de poder de persuasão, porque, ao expor idéias ou conhecimentos, na realidade não está oferecendo teorias, *mas oferece a si próprio*.

Mesmo em sua autoformação procederá lentamente, pois não combaterá com violência contra os próprios defeitos, como acontece ao temperamento do primeiro raio, e não usará o destrutivismo, coisa absolutamente ausente de seu caráter, mas, ao invés disso, usará a técnica da transmutação e da sublimação, procurando transformar a qualidade negativa em qualidade positiva correspondente, e extrair a energia positiva que é inata mesmo nas mais baixas manifestações. Essa técnica é, naturalmente, boa e construtiva, mas pode fazer-se muito lenta, e não isenta de sofrimento e de dificuldades. Todavia, os resultados obtidos dessa maneira são realmente duradouros, já que representam frutos de uma autêntica mutação interior, e não de uma repressão ou de uma ilusão.

Essa tendência à transformação será usada pelo tipo evoluído do segundo raio também para ajudar os outros, o que de início poderá acontecer sem que ele tenha consciência disso, mas obtendo aos poucos essa consciência. Em outras palavras, ele se inclinará a "absorver" em si o negativismo daquele que deseja ajudar, para depois transformá-lo. Essa é uma técnica que só pode ser usada por pessoa bastante evoluída e que tenha certa facilidade de sublimação. De certa forma, isso se dá na situação entre médico e paciente, que os psicanalistas chamam "transferência", e que vem a criar um relacionamento inconsciente entre as duas pessoas. Diz Jung, realmente, que o médico "toma a si o mal do paciente, com a inteligência aberta, e dele participa".

De tudo quanto foi dito, parece evidente que a nota característica e mais essencial do segundo raio é a tendência à união e à identificação, e que seu progresso chega pelas sucessivas ampliações da consciência, até alcançar a consciência Anímica, e a consciência universal.

Passando agora para o lado negativo, vemos que os defeitos do segundo raio derivam do uso não-equilibrado e não-sensato das tendências positivas, o que acontece quando o indivíduo não está ainda bastante amadurecido para ser consciente, nem foi ainda despertado para a espiritualidade. Então, deixa-se ainda tomar pelas ilusões e faz-se prisioneiro da matéria densa, que o torna pesado e inerte.

Não foi por acaso que usei essa última palavra, porque os maiores defeitos do tipo do segundo raio são a inércia e a preguiça, dada a identificação com o corpo físico, e a ausência de dinamismo e de atividade, portanto, de vontade.

Seria quase possível dizer que o temperamento do segundo raio é oposto ao do primeiro raio, já que as qualidades de um correspondem aos defeitos do outro, e vice-versa.

Por exemplo: enquanto o segundo raio tem a abrangência e o senso de unidade, o primeiro tem o isolamento egoístico e a separatividade; enquanto o segundo raio é incerto e indeciso, o primeiro é cheio de decisão e firmeza; enquanto o segundo é amoroso, compassivo, benévolo, suave, o primeiro é duro, desapiedado, combativo. . .

Isso nos leva a compreender quanto é necessária uma integração e uma colaboração entre os vários temperamentos, e como cada um deles pode aprender alguma coisa com o outro.

Voltando agora ao exame dos lados negativos do tipo do segundo raio, vemos que sua própria tendência para a calma e a serenidade, quando excessiva, pode degenerar em falta de ardor, de entusiasmo, e a criar um estado de inércia interior, uma condição estática que é obstáculo ao progresso e à evolução do indivíduo. A serenidade deve provir da ciência dos fatos e da aceitação corajosa das circunstâncias, e não de uma espécie de indiferença, de assentimento egoístico. A paz deve ser o efeito de uma superação real, de um conflito vencido, e não de uma evasão diante da realidade.

Também assim o tato, que é uma qualidade positiva do segundo raio, e que nasce do seu desejo de não ferir, se não for usado de maneira equilibrada pode degenerar em falta de sinceridade, temor de dar a própria opinião e servilismo. Torna-se "paz a qualquer preço". Eis por que acontece que a

sabedoria esteja ao lado do amor, a razão junto ao coração. De outra forma poderemos fazer mais mal do que bem, com a sensibilidade excessiva, com a compaixão inoportuna, com a fraqueza da vontade e o excesso de confiança nos outros.

Os defeitos do tipo menos evoluído do segundo raio são portanto, de duas categorias, isto é, os que derivam da ausência de vontade e dinamismo e os que surgem da sensibilidade excessiva.

Em geral, os temperamentos do segundo raio estão polarizados na natureza emotiva, e disso resulta uma outra de suas características negativas, que é o medo.

O medo, neles, apresenta-se em todas as suas várias formas: timidez, dúvida, incerteza, medo da solidão, medo da vida, temor de fazer sofrer, etc. É um medo que depois vem a ser superado pela sensatez, que se manifesta quando a mente se desenvolve e se funde com o amor. Então, nasce a serenidade, a calma, a confiança, a intuição. . . Todas essas qualidades anulam o medo, e levam a superá-lo de todo.

Assim, sob esse raio, poderemos ter o homem sensato e amoroso, compreensivo e sereno, para o qual todos se voltam para o conselho e a orientação, e que, exatamente pela sua doçura e sua calma, é como uma torre de força, na qual podemos nos apoiar, certos de que seremos amparados. E, por outro lado, podemos ter o homem fraco, incerto, preguiçoso, incapaz de fazer esforços e sacrifícios, fechado em sua indiferença e medo, e a fileira infinita dos tipos mistos, que são mescla de amor e de egoísmo, de medo e de sensatez, de decisão e incerteza, de compaixão e frieza.

É claro que, através deste breve e incompleto exame do temperamento do segundo raio, sua via evolutiva é bem diversa da que corresponde ao tipo do primeiro raio, já que nele a nota profunda e essencial é a do Amor, entendido como tendência unitiva e abrangente, daí progredir através de uniões e abrangências graduais e sucessivas, do desenvolvimento da consciência, coisas que o farão sempre mais sensível, amoroso, compreensivo. Sua linha de serviço será a dos educadores, dos guias do espírito, daqueles que irradiam e evocam o amor, e despertam a consciência.

O primeiro raio, ao invés disso, progride, por assim dizer, de maneira vertical, dinâmica, por si mesmo, sustentado pela sua força interior. Toma "o céu com violência", e o seu serviço é o de dinamizar os outros, infundir fogo e decisão, sacudí-los da inércia.

Todavia, o segundo raio é incompleto sem a vontade, e o primeiro não é eficaz sem o amor. Devem, portanto, desenvolver cada qual a qualidade ausente e integrar sua própria nota com as dos outros temperamentos, se quiserem ser, realmente, de serviço e auxílio aos demais, constituindo-se em força construtiva.

Antes de terminar esta lição, talvez seja útil recordar que os sete raios, que estamos examinando, são todos de um mesmo plano e nenhum deles é melhor ou pior do que os outros. É bom ter isso sempre em mente, para que não se formem prevenções ou idéias falsas ao ser feita a auto-análise. Mesmo que aconteça sentirem mais simpatia por um determinado raio do que por outro, isso não quererá dizer que o temperamento que

atrai seja positivo e o outro negativo. Analisando a causa da nossa simpatia ou antipatia por determinado raio, talvez cheguemos a entender melhora nosso temperamento e algum lado oculto do nosso caráter pode aflorar, lado que não queremos reconhecer. Na verdade, mesmo as reações que sentirmos diante de certa qualidade podem ser reveladoras.

É necessário, pois, proceder com objetividade e imparcialidade ao fazer a auto-análise, tendo presente que os sete raios, como dissemos, são todos igualmente positivos, e são sete caminhos de desenvolvimento e de expressão ao longo dos quais encontram-se os tipos psicológicos que têm em si as notas potenciais adaptadas ao percurso, desde o grau mais baixo até o mais elevado.

Qualidades do Segundo Temperamento

Positivas: Serenidade; Força; Calma; Paciência; Aceitação; Compreensão; Tolerância; Tato; Espírito de cooperação; Amor ao estudo; Construtivismo; Confiança; Inteligência clara; Decisão; Sensibilidade; Comunicabilidade; Doçura; Generosidade; Previsão; Simpatia; Compaixão.

Negativas: Insensibilidade; Indiferença para com os outros; Egoísmo; Indecisão; Procrastinação; Preguiça; Amor às comodidades; Falta de vontade; Impossibilidade de estar só; Hipersensibilidade; Medo.

Virtudes a serem conquistadas: Vontade; Firmeza; Atividade; Energia; Decisão; Entusiasmo; Senso de justiça.

Guia para a Auto-análise

1. Quais são as qualidades positivas ou negativas do 2º Raio que pensa possuir?
2. Especifique de qual delas sente a necessidade: a) de suscitar; b) de reprimir; c) de sublimar.
3. Dentre as qualidades negativas, quais lhe são mais particularmente antipáticas? E quais as qualidades positivas que lhe são particularmente simpáticas?
4. Tem alguma reação especial em relação aos tipos positivos ou negativos do 2º Raio? Pode explicar a si mesmo o porquê de suas eventuais reações?
5. Gosta de trabalhar, estudar, fazer planos junto com outros?
6. Ama a vida em comunidade, a vida de grupo?
7. Se estiver entre uma multidão anônima, sente-se isolado e diferente dos outros, ou tem um senso de unidade para com as outras pessoas? Especifique se tem um senso de: a) unidade física; b) unidade espiritual.
8. As questões de raça têm importância a seus olhos?
9. Entende-se com aqueles que não têm as suas idéias?
10. É nacionalista?

11. Sua meta espiritual mais alta é a de ajudar a humanidade e evoluir?
Em caso afirmativo, de que modo pensa agir para alcançar esse escopo?

O TERCEIRO TEMPERAMENTO: ATIVIDADE DA MENTE

O terceiro aspecto da Divindade, o Espírito Santo (o Brahma dos hindus), é a energia que produz o terceiro tipo psicológico, chamado raio da atividade da mente. Na verdade, o Espírito Santo é a expressão da Mente Divina, do Pensamento Criador de Deus, que se traduz no plano humano pela capacidade de pensar, de raciocinar, inata em todos os homens.

A energia do terceiro aspecto da Divindade tem uma função muito importante e faz sentir seu influxo em todos os reinos da natureza, em cada ser, em cada forma, e em cada pequena partícula da matéria onde se pode encontrar uma espécie de *inteligência insciente*. Todavia, é no reino humano que ela encontra sua expressão mais completa e adaptada, e revela toda a sua luminosa potência.

Realmente, quando no caminho ascensional da evolução da forma aparece o "homo sapiens", diferente de todos os outros seres que o haviam precedido pela sua capacidade de pensamento consciente, a energia do Terceiro Aspecto parece ter encontrado, finalmente, seu verdadeiro instrumento de expressão. Na verdade, o intelecto do homem, então ainda informe e embrionário, revelou, pouco a pouco, potencialidade maravilhosa e capacidade de desenvolvimento e de aperfeiçoamento, demonstrando, com o passar do tempo, que tinha possibilidade de subir até as manifestações mais elevadas do pensamento abstrato, da criatividade intelectual, da intuição cognitiva e do gênio. Em outras palavras: o intelecto humano demonstrou que podia realmente ser o instrumento da energia que provém da Mente Divina, e de ser capaz, quando evoluído e purificado, de manifestar "os dons do Espírito Santo".

Os tipos psicológicos do terceiro raio têm como nota fundamental do seu caráter a atividade da mente, o pensamento, que dão diversas manifestações, de acordo com o grau de desenvolvimento do indivíduo.

Há nesses tipos, porém, uma característica comum e inconfundível, seja qual for seu grau de evolução, e essa característica é a *polaridade mental*, isto é, uma concentração das energias psíquicas na mente, e um uso contínuo e quase unilateral das faculdades intelectivas, com prejuízo das outras faculdades (afetivas e volitivas).

Existe, além disso, vivacidade e mobilidade particular do pensamento, e a tendência de usá-lo independentemente dos objetivos ou dos estímulos externos, só pelo "gosto" de raciocinar, de refletir.

Também nos outros raios se faz possível o uso da mente e uma inteligência desenvolvida, mas não há polaridade mental, pois as energias não estão concentradas no intelecto, como no terceiro raio, mas no aspecto volitivo do eu no primeiro raio, e na natureza emocional no segundo raio.

É preciso notar também que mesmo o gênero de inteligência difere de raio para raio, e assim o da Vontade terá inteligência ponderadora, aparentemente um pouco rígida e lenta, mas voltada para amplos esquemas e planos, O raio do Amor-Sabedoria terá inteligência de gênero intuitivo, mente aberta e límpida, mais voltada para a sabedoria do que para o conhecimento. O terceiro raio, ao invés disso, tem inteligência pronta, dúctil, elástica, mente viva e móvel, e toda voltada para os problemas

cognoscivos, filosóficos, abstratos. . . ' Todavia, o que o distingue sobretudo dos outros raios é, como já foi dito, a polaridade mental.

Essa polaridade, entretanto, não dá obrigatoriamente inteligência. Esta última depende, realmente, da maturidade do indivíduo e do grau de desenvolvimento da sua mente, não apenas da vivacidade do pensamento.

Podem existir pessoas mentalmente polarizadas que não sejam particularmente inteligentes e, por outro lado, pessoas muito inteligentes que não possuam polaridade mental.

Como dissemos antes, a palavra polaridade significa "concentração", "focalização" das energias em um dado ponto (neste caso, a mente). Mas se essa mente não for desenvolvida, se for imatura, ainda não formada, é óbvio que tal focalização não poderá produzir automaticamente a inteligência, mas apenas mobilidade acentuada da energia mental. Os pensamentos serão formulados, mas irão mostrar-se confusos, desordenados, desorganizados, e até mesmo incoerentes e ilógicos.

A inteligência não é somente a capacidade de produzir pensamentos ou de mover o intelecto, porém pressupõe a presença de outras qualidades intelectuais, como a clareza, a discriminação, a capacidade de análise, de síntese, o poder de deduzir e juntar vários dados, etc. E, sobretudo, pressupõe a capacidade de compreensão, considerada em seu sentido mental de "entender", "conhecer", como patenteia o próprio termo inteligência, tomado em seu significado literal, que deriva do latim *intelligo*, que quer dizer *compreender*.

Assim, a inteligência não é uma prerrogativa dos tipos do terceiro raio quando são pouco evoluídos, mesmo que tenham polaridade mental e tendência inata para usar a mente e pensar, mas essa inteligência se desenvolve neles pouco a pouco, à proporção que amadurecem e progridem, adquirindo clareza, ordem, lógica e capacidade de compreensão.

Reconhece-se os tipos do terceiro raio sobretudo pelo seu hábito constante de usar a mente, de raciocinar em qualquer circunstância, em qualquer ocasião da vida. Podem ser de todos os níveis, desde o tipo que raciocina de maneira confusa e desordenada até o filósofo de mente aberta e límpida, pronta e viva; do tipo que usa a inteligência com finalidade egoística ao indivíduo que busca desinteressadamente o conhecimento e o põe a serviço dos demais. . .

A esse raio podem pertencer os tipos aparentemente mais díspares e diferentes, mas que têm, contudo, a nota fundamental comum: o uso contínuo da mente.

Como vimos nos dois primeiros raios, a nota fundamental produz muitas qualidades secundárias, positivas ou negativas, conforme o grau de maturidade do indivíduo.

Nos tipos mais evoluídos podemos encontrar: capacidade de concentração, visão ampla sobre assuntos abstratos, clareza mental, paciência, idealismo, desapego das pequenas preocupações materiais, tendência à síntese. Em uma palavra: todas as qualidades que derivam da polaridade mental em um indivíduo evoluído e culto, que superou o apego às coisas materiais e tem um certo grau de purificação.

Além disso, ele terá mente aberta e elástica, sem cristalizações e preconceitos, livre de fanatismo, mas sempre pronta a indagar e compreender as idéias novas.

Será também muito adaptável e versátil, e capaz de se pôr de acordo até mesmo com os tipos opostos e de idéias diferentes das suas, porque sua inteligência viva e pronta lhe dará a faculdade de criar "pontes" mentais para com todos, e lhe dará, também, tato e diplomacia.

Será, também, um bom conversador, e terá grande confiança no poder persuasivo da palavra, que saberá usar com inteligência e oportunidade, no momento e na ocasião adequados.

O tipo mais maduro será o filósofo idealista ou o matemático abstrato, sempre dispostos a buscar a verdade e o conhecimento.

Todavia, o tipo evoluído, completamente livre de negativismo, é muito raro e, em geral, encontram-se tipos do terceiro raio de evolução média ou do tipo inferior.

Algumas características dos tipos do terceiro raio são a preguiça e a dispersão, dada à excessiva polarização mental que os leva a abstraírem-se do plano físico e das suas necessidades; além disso, a desordem, a inexatidão nos detalhes, a falta de consistência e de espírito prático. Na verdade, esse tipo dará muito maior importância ao pensamento do que à ação, e não sentirá a necessidade de expressar concretamente as suas idéias. E se contentará em vivê-las em sua mente, ou, no máximo, em traduzi-las em palavras, mas não em obras.

Um indivíduo desse temperamento é capaz de passar dias inteiros a pensar, a refletir, aparentemente inativo e inerte, mas na realidade vivo e dinâmico em sua mente. Será, portanto, preguiçoso e lento na ação, descuidado no vestir-se, despreocupado de sua pessoa, muitas vezes nada convencional, aparentemente imerso em seu mundo de pensamento, mas na realidade sempre pronto a agarrar a ocasião para discutir seus argumentos intelectuais, abstratos, cognitivos, com vivacidade, inteligência e agudeza. Sua felicidade consiste, mesmo, em poder raciocinar, usar a mente, expressar as suas idéias, comunicar seu pensamento, e sentir-se vivo e dinâmico no plano mental. Sua força de vontade é fraca, e sua capacidade de amor escassa, embora não seja um tipo áspero e duro. É, apenas, "muito agarrado" ao seu mundo de pensamento, e completamente absorvido por ele. Assim, poderá parecer indiferente e frio aos seus familiares, sem ternura ou afeto, mas, na realidade, está quase sempre em estado de abstração do mundo físico e da vida cotidiana.

Só se entusiasma com uma discussão intelectual, admira quase que exclusivamente os tipos mentais, e tem um leve desprezo pelos tipos demasiado emotivos, ou excessivamente ativos.

Quando essa nota do terceiro raio se manifesta num tipo pouco evoluído, ainda imaturo e egoísta, acontece, com freqüência, que a vivacidade mental e a presteza do pensamento são usadas para finalidades que não são boas. A inteligência pode ser empregada para o egoísmo e para os interesses pessoais, e assim se desenvolve a astúcia, a tendência à intriga e à insinceridade, ao prazer de iludir e explorar os outros, à capacidade de fazer jogo duplo, e o oportunismo.

Temos, assim, os indivíduos que procuram sempre embrulhar os demais, buscando explorar ao máximo as situações e as pessoas, usando sua inteligência para tirar proveito da ingenuidade e da confiança de outros. Às vezes encontramos esses tipos negativos do terceiro raio entre comerciantes, homens de negócios, advogados que sejam donos de mente vivaz, inteligência pronta, mas movidos por intenções egoísticas e interessadas.

Entre os tipos inferiores do terceiro raio encontram-se, igualmente, indivíduos intrigantes, que se interessam pela vida de todos, que sabem introduzir-se em toda parte, e que sentem prazer sutil em falar com este e com aquele, mostrando interesse aparente pelos seus negócios. Esses têm a impressão, graças ao seu orgulho e ao seu senso de poder, de serem uma espécie de "deus ex machina", com a ilusão de terem os fios das situações alheias e saber resolvê-las com a sua astúcia e inteligência.

Além disso, sua preguiça física leva-os a *trabalhar* apenas por meio da palavra e da mente, já que (como eu disse antes) eles têm, geralmente, muita facilidade de expressão e fluidez de linguagem.

Essa tendência à intriga e à intromissão nos negócios alheios torna-se, nos tipos mais evoluídos, uma qualidade positiva, porque se transforma na arte de saber aconselhar, de saber resolver situações difíceis, de saber conciliar dois adversários. Em uma palavra, torna-se "diplomacia", no bom e positivo sentido da palavra.

Os temperamentos do terceiro raio têm, em geral, tendência a permanecer como "teóricos", pois contentam-se com o conhecimento sem sentir necessidade da sua realização prática. Sua clareza mental, sua capacidade de apreender intelectualmente vastos problemas e questões filosóficas e metafísicas podem fazer-se, às vezes, um impedimento, porque lhes dão a ilusão de terem conseguido e realizado tudo, quando só compreenderam mentalmente.

Seu ponto crítico, por assim dizer, é, na verdade, a incapacidade de fazer do conhecimento teórico uma parte da sua vida e da sua consciência.

A autoformação verdadeira e própria, baseada na vontade e na disciplina auto-imposta, é muito difícil para os tipos do terceiro raio, ou cria-se, muitas vezes, neles, uma cisão na mente, que pode ser mesmo bastante desenvolvida e aperfeiçoada, e os outros aspectos da personalidade (emotivo e físico) que permanecem imaturos e pouco evoluídos.

Todavia, esses aspectos progridem, de uma forma quase involuntária e insciente, através de sucessivas discriminações e ampliações mentais, que levam, aos poucos, à modificações nas atitudes e nas tendências da personalidade, mas de maneira despercebida e indireta.

Alcançam, depois, o momento em que começam a sentir a necessidade de desenvolver conscientemente os lados que faltam à sua personalidade. E isso acontece com o despertar espiritual que dá uma aspiração consciente no sentido de melhorar, de se aperfeiçoar. Então, a mente, que só tinha sido usada para a pesquisa do conhecimento abstrato, vai ser usada para construir e para formar, manifestando, assim, seu aspecto criativo, que é, também ele, um reflexo do Fogo Criador do Espírito Santo.

Qualidades do Terceiro Temperamento

Positivas: Visão ampla; Capacidade de síntese; Capacidade de raciocínio sobre questões abstratas; Capacidade de passar do particular para o geral; Clareza mental; Inteligência pronta; Elasticidade mental; Desapego das pequenas questões cotidianas; Capacidade de reconhecer o essencial; Capacidade de simplificar (em sentido mental); Capacidade de selecionar, utilizar, manipular, reelaborar (sempre no campo do pensamento); Considerar a verdade como meta; Adaptabilidade; Discriminação; Saber apanhar o momento oportuno (no sentido espiritual); Tato; Saber ver os muitos lados de uma questão; Saber conciliar; Equilíbrio; Objetividade.

Outras características: Prazer da discussão (pacífica) no campo do pensamento; Gosto e satisfação de pensar; Prazer e capacidade de comunicar a idéia; Gosto da palavra; Saber investigar; Confiança no poder convincente do raciocínio; Capacidade de persuasão; Raciocinar sobre seus ideais e sua orientação sem necessidade de concretizá-los; Tendência a considerar a inteligência o dom supremo do homem e desdém pelas outras faculdades humanas; Ausência de violência e irritabilidade.

Negativas: Inexatidão; Desordem; Superficialidade; Preguiça física; Dispersão; Falta de cuidado nos detalhes; Tendência à insinceridade; Tendência à intriga; Curiosidade; Astúcia; Utilitarismo; Oportunismo; Tendência a explorar a inteligência para fins egoísticos; Prazer de enganar e iludir os outros; Manter a ilusão de que é um "deus ex machina"; Hipocrisia; Capacidade de fazer jogo duplo; Incapacidade de concentrar-se; Perder tempo raciocinando sobre coisas frívolas; Cavilosidade.

Virtudes a obter: Exatidão; Força; Vontade; Amor; Devoção; Faculdade de concentração; Capacidade de realizar; Ordem.

Guia para a Auto-análise

1. Que qualidades positivas ou negativas do terceiro Raio pensa possuir?
2. Especifique de qual delas sente necessidade: a) suscitar; b) reprimir; c) sublimar.
3. Quais, dentre as qualidades negativas, lhe são particularmente antipáticas?
4. Tem qualquer reação interior especial que o incline para os tipos positivos ou negativos do 3º Raio?
5. Considera a inteligência como o bem supremo do homem?
6. Entre as seguintes profissões, qual seria a sua escolha: médico, advogado, professor, engenheiro, comerciante? Porquê?
7. Inclina-se mais ao "pensamento" do que à vida prática, que o aborrece com as suas necessidades, especialmente por ter de ocupar-se com coisas banais, mas necessárias?
8. Sente um leve desprezo pelos tipos exclusivamente emotivos, ou pelos que são super-ativos?

9. Gosta de raciocinar, pensar, discutir com os outros sobre coisas intelectuais e abstratas?

10. Sua nota espiritual mais alta é a da busca da Verdade?

O QUARTO TEMPERAMENTO: HARMONIA ATRAVÉS DO CONFLITO

O quarto raio constitui, de certa forma, um tipo psicológico que está "à parte", porque, conforme já mencionamos, tem a característica de ser "ambivertido", isto é, de alternar o movimento de introversão com o de extroversão.

Vimos que os primeiros três raios são introvertidos e os últimos três são seus correspondentes extrovertidos. Assim, uma vez que se compreenda a essência dos primeiros três, é fácil compreender a dos três correspondentes. Para o quarto raio, porém, é preciso ter sempre presente o fato de que a energia, a nota que o produz, é diferente de todas as outras, e, de certo modo, é "única".

Além disso, para os primeiros três temperamentos foi bastante fácil remontar à sua origem espiritual, porque cada um deles é produto de um dos três aspectos da Divindade. Para o quarto temperamento, contudo, temos de apelar para a nossa intuição e para a nossa imaginação, a fim de compreender bem sua essência espiritual e sua origem cósmica.

Em linguagem mística, esse raio é chamado com vários nomes, simbólicos e sugestivos, como "o Divino Intermediário", "o Vínculo entre os Três e os Três", etc. Nomes que querem fazer sentir a função essencial do quarto raio, que, mesmo pela sua natureza ambivertida, isto é, voltada ao mesmo tempo para o exterior – para o mundo das formas – e para o interior – o mundo da realidade espiritual – é levado a reunir, a unificar, a harmonizar-se.

Em outras palavras, queremos dizer que ele sente com intensidade particular todos os opostos, todas as dualidades que existem sobre os vários níveis da manifestação, e que, ao mesmo tempo, sente profunda exigência no sentido de conciliar e harmonizar em um todo único essas manifestações.

A intensa aspiração à harmonia é, na realidade, a qualidade fundamental do quarto temperamento. Harmonia entre dois opostos, que não é facilmente alcançada, e que implica, de início, luta, contrastes, conflitos muito penosos.

O quarto raio sente os dois pólos, os dois modos, com igual intensidade, e disso surge o alternar-se dos dois opostos, depois o atrito, e por fim o conflito que traz a harmonia.

Durante longo tempo, porém, só existe luta e guerra, sem qualquer resultado positivo, pois só quando desperta no homem do quarto raio a capacidade de subir um ponto mais alto, e ver os dois opostos com os olhos da Alma, o conflito pode ser colocado em uma síntese que dá nascimento a um terceiro modo superior que contém em si todos os dois pólos.

Esse drama interior do temperamento do quarto raio é simbolicamente sintetizado no "Tratado dos Sete Raios", de A. A. Bailey, com estas frases poéticas:

"Estou em meio de forças opostas.

Aspiro ardentemente à harmonia, à paz, à beleza
que são o resultado da Unidade.

Vejo os dois.

Não vejo que forças colocam um contra o outro,
e eu mesmo, que estou dentro de um círculo, ao centro.

Procuro a paz. Minha mente deseja-a.

Unidade com todos procuro eu, mas a forma divide.

De cada lado encontro guerra e separação.

Estou só, e fico. Sei demais.

O amor da Unidade deve dominar

bem como o amor da paz e da harmonia,

mas não aquele amor baseado no desejo de conforto

e de calma para si próprio,

não aquela unidade e harmonia que trazem

conseqüências desagradáveis para a personalidade. . .

a Palavra emanou do Espírito para a forma;

– Ambos os opostos são Um.

Não há guerra, não há diversidade, nem isolamento.

As forças opostas parecem estar em guerra entre si
do ponto em que estás.

Dá um passo à frente.

Vê com olhos abertos da visão interior,

e encontrarás não dois, mas *um*, não guerra, mas paz;

não solidão, mas um coração que repousa, ao centro.

Assim, a Beleza da Deus resplandecerá.

Esta é a hora".

Talvez estas frases simbólicas, que se dirigem à nossa intuição, nos ajudem a compreender a essência profunda deste raio, mais do que longas explicações de caráter intelectual, porque, de certa forma, fazem "ouvir" a tensão dos opostos, o conflito daquele que se vê sozinho, porque em ambos os lados vê a verdade e não pode juntar-se nem a uns nem a outros.

Sei demais, diz, quase com mágoa, porque talvez fosse melhor não saber e não ver, e assim atirar-se cegamente para um dos dois lados. . .

Mas esse tremendo conflito, esse sofrimento são ilusórios, porque nascem de uma visão parcial das coisas, de uma identificação com a forma exterior, e do não saber ver a realidade que está por trás delas.

A alma realmente pronuncia a sua "Palavra", faz descer sobre o homem imerso na confusão e na luta a sua luz, e então ele compreende que a separação, a dualidade, a guerra são só aparentes, enquanto na realidade existe apenas unidade e paz, e tudo contribui para um mesmo fim.

Tem ele a revelação do verdadeiro significado e do verdadeiro escopo da dualidade, da polaridade, que permeiam toda a manifestação, a começar pela polaridade fundamental de Espírito e matéria, e vai continuamente para a infinita polaridade do plano mental, do plano emotivo e do plano físico. E compreende que essas coisas são necessárias à evolução humana, são instrumentos para o despertar da consciência. A realidade é a Harmonia, a Beleza de Deus, que derivam da Unidade.

Vindo agora para as características psicológicas do tipo do quarto raio, vemos que mesmo essa dupla capacidade de perceber a realidade espiritual que está por trás da forma objetiva, e ao mesmo tempo sentir-se atraído por essa forma, é a que produz a qualidade peculiar do seu caráter.

De certa maneira não se pode falar, no que se refere ao quarto raio, em qualidades negativas e qualidades positivas, mas de uma alternativa contínua, entre os dois pólos, de um aproximar-se contínuo das qualidades boas e más, de uma sucessão de manifestações cíclicas dos lados elevados espirituais e dos lados negativos e impuros.

Poderemos fazer uma escala dos vários tipos baseando-nos na maior ou menor duração do período negativo diante da que tem o período positivo.

E como vem, então, o progresso, para os temperamentos do quarto raio?

Seu progresso não vem por meio de uma vitória sobre os lados negativos (como para o primeiro raio), nem como uma transformação dos aspectos inferiores em superiores (como para o segundo raio), mas com a criação de um terceiro aspecto, que funde e harmoniza os dois opostos em um plano superior.

Todavia, para melhor compreender tudo isso, é necessário que analisemos mais detalhadamente os caracteres psicológicos desse temperamento.

Nos tipos menos evoluídos há uma luta confusa e sem finalidade, desordem e caos interior, combatividade, atração para o mundo físico, sensualidade, pouco senso moral, falta de equilíbrio interior. Nele prevalece o ímpeto para o mundo material, e assim deixa-se aprisionar.

No homem médio, contudo, habitualmente se encontram as maiores e mais características alternativas e os conflitos mais ásperos, porque nele a tendência para o mundo exterior, objetivo, e a percepção da realidade interior estão presentes em igual medida.

Temos, assim, indivíduos nos quais se alternam períodos de preguiça excessiva e períodos de ativismo exagerado, porque neles *tamas* (inércia) e *rajas* (atividade) encontram-se em quantidade igual.

Há neles uma admiração sem limites pela pureza, e ao mesmo tempo uma sensualidade acentuada e não dominada.

Têm momentos de furiosa cólera, acompanhada de cenas ruidosas, e períodos de calma e completa quietude.

Às vezes são conversadores vivazes e oradores brilhantes, e outras vezes não conseguem sair de um silêncio opressor e plúmbeo.

Admiram os tiranos e os déspotas e levam uma vida anarquizada.

Têm apego ao passado, e têm entusiasmo pelo que é novo.

São cheios de presunção, de ambições, e ao mesmo tempo sofrem de uma sensação deprimente de fracasso.

Têm aguda percepção e intuição no que se refere ao mundo espiritual, mas, ao mesmo tempo, apegam-se ao mundo dos sentidos.

Têm notável tendência a unir-se, a identificar-se com os outros, e, simultaneamente, são fechados e egocêntricos, e não conseguem libertar-se da concha do seu eu.

São excêntricos, caprichosos, extravagantes, dados a melindres, volúveis, rebeldes e, por outro lado, são corajosos, leais, afetuosos, idealistas, compreensivos, sinceros.

Sendo espontâneos por natureza, repelem qualquer esforço e qualquer imposição, mas são capazes de grandes sacrifícios quando sentem o impulso interior para isso e não estão sendo constrangidos por ninguém.

Tem brilhantíssimo senso de cor e grande sensibilidade melódica. Amam o belo e o harmonioso, a ponto de sofrer muitíssimo com a contemplação da brutalidade e da desarmonia. Por isso, rodeiam-se, quando podem, de coisas belas, 3 sua casa, e seu modo de vestir, terão a marca desse seu senso estético.

Amam muitíssimo a natureza e os animais, e chegam a considerar estes últimos quase humanos, pois têm tendência instintiva a compreendê-los e a entender a sua linguagem.

Uma outra sua brilhante qualidade é a de *ouvir* a nota e as vibrações das outras pessoas, mas essa sua sensibilidade não provém de uma atitude amorável, de uma tendência à união (como acontece com os tipos do II Raio), mas de uma capacidade de percepção para o mundo interior dos outros e para se pôr em contato com a psique alheia.

Compreende-se, facilmente, que esses temperamentos estejam em contínuo conflito consigo mesmo, e que sejam presa de freqüentes crises interiores, já que são constantemente atacados por tendências opostas e atormentados pela luta entre a aspiração para o alto, para a espiritualidade, e a atração para o mundo e suas ilusórias belezas.

É tal luta interior que mais cedo ou mais tarde os leva ao progresso, quando conseguem "harmonizar" os dois opostos em um plano mais alto.

Nesse raio, com freqüência encontramos temperamentos artísticos, porque "O artista é a pessoa capaz de viver tanto no mundo interior, onde vê visões e obtém inspiração, como no mundo exterior, onde lhe dá uma forma concreta. Sua vida é uma balança entre o mundo interior e o exterior. No temperamento artístico encontramos aqueles extremos de exaltação e de arrebatamento de um lado e de completa imersão no mundo exterior de outro lado. Apenas nos artistas muitíssimo grandes aparece aquela perfeita Harmonia entre o mundo interior e o exterior, que é o ideal do IV Raio" (*O Fogo da Criação*, de Van der Leeuw).

Não se deve, porém, pensar que todos os artistas estejam no quarto raio, pois na verdade podem estar em qualquer um deles. Todavia, os artistas que pertencem ao quarto raio têm, como dissemos, uma sensibilidade peculiar para as cores e a melodia, mas uma técnica imperfeita.

Essa sensibilidade para a cor e para o som também é encontrada nos temperamentos não-artistas do quarto raio, e se manifesta de outra maneira, como, por exemplo, na escolha das roupas que usam, dos objetos de sua casa, no amor pela música, etc.

Mencionamos, pois, o tipo inferior e o tipo médio do quarto raio.

Vejamos agora, o tipo evoluído, no qual começa a manifestar-se a luz da Alma.

A diferença fundamental entre o tipo de nível médio e o tipo mais evoluído do quarto raio é a seguinte: enquanto no primeiro há uma luta interior contínua entre as duas tendências, positiva e negativa, e um contínuo alternar-se de qualidades opostas, bem como contínuos conflitos e crises, mas sem resolução, no tipo mais evoluído, que começa a dominar-se e a controlar sua personalidade, acontece um fato novo, que poderia ser dividido em duas fases. Na primeira fase, ele não mais oscila entre as duas tendências, não é arrastado ora para cima, ora para baixo, porém coloca-se deliberadamente ao centro, entre os dois pólos, e dali observa. Essa primeira fase produz, geralmente, um período de crise que assim podemos descrever: o indivíduo atravessa um período de parada; já não é atraído pelo mundo dos sentidos, mas ainda não tem força para subir ao mundo espiritual. Sente, agudamente, a diversidade dos dois mundos e o conflito entre eles o faz sofrer, embora não estando no centro do combate. Sente-se isolado e diferente. Tem uma sensação de inanidade a parece-lhe não ter forças para subir acima do que está. Deseja com todo o ardor do seu coração a paz e a harmonia, e, ao invés disso, só vê forças contendoras entre elas... É um período terrivelmente árido e vazio, mas que, felizmente, é temporário.

Na segunda fase, o homem do quarto raio compreende, por fim, que, para alcançar a paz que tanto deseja, não deve permanecer no centro, onde se firmou, mas subir para um ponto mais alto, e desse ponto ver os dois mundos como um todo único, como dois aspectos de uma realidade espiritual. Essa visão lhe dará capacidade para saber fundir os dois opostos, para harmonizá-los em sua consciência como unidade superior que os compreende a ambos. Assim, encontrará a Paz, finalmente.

Este é, na realidade, o processo evolutivo do quarto raio, que se repete continuamente a cada giro da espiral ascendente, e assim supera, paulatinamente, todos os conflitos, toda a dualidade.

O conflito entre a inércia e a atividade, por exemplo, termina quando ele encontra um ponto de equilíbrio entre as duas tendências, criando em sua vida um alternar-se rítmico de trabalho e repouso, uma seqüência bem ordenada de atividade e quietude, em harmonia com os ciclos da natureza e das forças cósmicas e espirituais. Saberá encontrar um ponto harmônico de contato entre o passado e o futuro, utilizando sua capacidade de síntese e de harmonia. Assim, uma das missões espirituais do quarto raio é mesmo aquela de *formar ponte entre o passado e o futuro*.

Sua tarefa é a de conseguir equilíbrio, de saber encontrar o ponto central exato entre os dois pólos, não mais sentir o conflito, mas os pontos de contato, e saber encontrar o meio de fundi-los num nível mais elevado.

No caminho espiritual a energia do quarto raio é a que ajuda e favorece a integração da Alma com a personalidade, e, a seguir, a deles dois com a Mônada.

"É esse raio que marca aquela união do mundo interior com o exterior, que acontece em nossa consciência. . .

Somente nesse raio acontece a união mística da realidade interior com as manifestações exteriores, a união, portanto, de *espírito e matéria*, que produz a consciência.

O nascimento de Hórus (Alma) é o resultado dessa união de Osíris (Espírito) e de Ísis (Matéria), a prole imortal do matrimônio entre o mundo interior e o exterior" (*O Fogo da Criação*, de Van der Leeuw).

Como vêem, esse interessante temperamento está muito próximo de todos nós, porque o seu trabalho corresponde, de certa forma, ao da humanidade inteira, e esse conflito eterno entre as forças espirituais e as pessoais, essa percepção do que é superior, sendo ao mesmo tempo um escravo dos sentidos, talvez tenha sido sentido por muitas pessoas.

O quarto raio, em certo sentido, é o símbolo do homem, que é a única criatura da terra a participar, pela sua natureza, seja dos reinos inferiores ou dos superiores, que, pelo seu corpo físico, faz parte do reino animal e, ao mesmo tempo, com a sua Alma, faz parte do reino espiritual.

Portanto, a tarefa do quarto raio é a de toda a humanidade, que deve, pouco a pouco, conquistar consciência da própria divindade latente, fundindo em si própria o Espírito e a matéria, e passando, assim, do quarto para o quinto reino.

Qualidades do Quarto Temperamento

Características psicológicas: Alternativa de inércia e atividade; Apego ao passado e entusiasmo pelo que é novo; Admiração pela pureza e sensualidade desenfreada; Presunção e sensação de fracasso; Admiração pelos tiranos e vida anarquizada; Cólera furiosa seguida de serenidade olímpica; Alternativa de eloquência brilhante e de silêncio plúmbeo e deprimente; Percepção do mundo espiritual e apego à forma.

Positivas: Generosidade; Coragem; Devoção; Simpatia; Fortes afeições; Rapidez de percepção; Decisão; Inteligência viva; Senso de humor; Objetividade; Imparcialidade; Amor do Belo e da harmonia; Amor pela natureza e pelos animais.

Negativas: Egocentrismo; Inexatidão; Preguiça; Extravagância; Volubilidade; Pontilhosidade; Desordem; Sensualidade; Incapacidade de fazer esforços; Apreensividade; Incapacidade de fazer sacrifícios e privar-se de qualquer coisa; Falta de coragem moral; Indolência; Caprichos.

Virtudes a obter: Serenidade; Confiança; Pureza; Autodomínio; Ordem; Exatidão; Equilíbrio moral e mental; Criatividade superior.

Guia para a Auto-análise

1. Depois de ter analisado atentamente as características psicológicas do 4º Raio, pode encontrar em si mesmo alguma das alternativas anotadas? Qual?
2. Que qualidades positivas ou negativas do 4º Raio pensa possuir?
3. Sente alguma espécie de reação interior para com os tipos do 4º Raio?
4. Em qualquer campo tende a ver as duas faces da questão e sente o conflito e a tensão dos opostos, mas que desejaria de qualquer modo superar?
5. Alternam-se em sua vida períodos de inércia e períodos de atividade? Depressão e euforia?
6. Está sujeito a freqüentes crises interiores, e confronta, em si próprio, a presença de qualidades opostas entre si?
7. Ama a arte, a cor, a música, as coisas belas, e por outro lado sofre ao ver o feio e o destituído de harmonia?
8. É particularmente sensível à beleza da natureza?
9. Ama os animais e sabe compreendê-los?
10. Sente com facilidade, os "tons" e as "notas" das pessoas?
11. É levado a seguir as regras e os usos e fugir do que é excêntrico e extravagante, ou gosta de surpreender os outros com alguma atitude diferente e singular?
12. Tem senso de humor?

13. Nos momentos de dor e desconforto sente a necessidade de preservar a atitude exterior, não por dignidade, mas para não cair no feio, no ridículo, no destituído de harmonia?

14. Sente a necessidade de construir, de criar, de ver concretizadas as formas idealizadas?

15. Ama a paz e a harmonia ao seu redor a ponto de chegar a concessões para obtê-las?

16. Tem capacidade intuitiva para os símbolos e tendência ao simbolismo?

O QUINTO TEMPERAMENTO: CONHECIMENTO CONCRETO

Para o homem moderno, que tem a mente desenvolvida e ativa, não será difícil compreender a natureza e o caráter deste quinto temperamento, que é muito difuso, especialmente no Ocidente.

Ele é o raio do conhecimento concreto e representa o impulso inato da mente humana a indagar, procurar e conhecer os fenômenos da natureza, impulso que produz o que habitualmente é chamado o temperamento científico.

Enquanto no terceiro raio da atividade da mente vimos a sede de saber voltada para os problemas filosóficos e abstratos, aqui vemos a mente voltada para a observação do mundo objetivo, disposta a tentar subir do efeito para a causa, e dirigida à indagação das forças da natureza.

Por isso dissemos que o quinto raio é extrovertido, quando toda a sua atenção está focalizada no mundo externo, e alcança a descoberta da verdade através do estudo e da análise das formas, conseguindo, pouco a pouco, descobrir a realidade que elas escondem.

A essência espiritual deste raio é a análise.

A análise, tomada no sentido altamente espiritual, é uma das sete qualidades da Alma.

"A quinta atividade, ou qualidade condicionante da Alma, é o poder de análise. Ela constitui uma lei que governa a humanidade, e isso deve ser sempre lembrado. Análises, discriminações, diferenciação e o poder de distinguir são atributos divinos.

Quando produzem um senso de separação e de diferença, estimulam sensações pessoais, são mal usadas e mal interpretadas; quando, entretanto, incluem-se no senso da síntese e são usadas para a ação no Plano, pertencem ao propósito Divino" (A. A. Bailey, *Tratado sobre os Sete Raios*).

Então, torna-se fácil compreender como essa qualidade, fundamentalmente espiritual, do quinto temperamento, possa produzir, ao mesmo tempo, notas positivas e notas negativas e destrutivas.

Não é fácil mergulhar na análise sem perder de vista a síntese.

A observação da multiplicidade leva, facilmente, a olvidar a Unidade fundamental. A atenção, voltada para uma parte, obscurece a visão do todo.

Esse é o problema fundamental dos temperamentos do quinto raio, do qual deriva o fato de que os indivíduos que estão sob o domínio daquela energia estejam, às vezes, de tal forma imersos no mundo das formas, que se fazem materialistas convictos, e completamente fechados à intuição espiritual.

É fatal que um temperamento assim passe através de um período de materialismo, a menos que não tenha em si a energia dos outros raios

intuitivos e místicos, que equilibram a tendência a mergulhar no mundo da forma.

Todavia, através de sucessivas descobertas e revelações, também esse temperamento alcança a Luz e a Realidade, pois sua sede de conhecer e de saber jamais se extingue, e a potência da sua mente é como espada aguda que consegue, a longo prazo, perfurar o muro da matéria e alcançar o mundo espiritual.

O poder de análise e de discriminação, pois, sendo assim potente nele, também é um grande auxílio, porque mesmo através de separações e distinções sucessivas alcança a diferenciação essencial: a que existe entre o irreal e o Real.

Todavia, antes de tal alcance, haverá conflitos e crises, com o que muito sofrerá, porque deverá conseguir desapegar-se do mundo das formas em que estava tão profundamente imerso. Depois, porém, superará esse período de trabalho com o equilíbrio e a compreensão do verdadeiro significado e utilidade da forma, que não é senão um símbolo da vida divina.

No tratado sobre os Sete Raios, de A. A. Bailey, a esse propósito é citado um escrito antigo, que descreve em termos simbólicos e poéticos a crise interior fundamental do quinto raio:

"Para mim atraio os revestimentos de Deus. Vejo e conheço a Sua forma.

Tomo os revestimentos peça por peça, conheço suas formas e suas cores, as suas partes, os seus usos e suas metas.

Permaneço maravilhado. Não vejo outra coisa.

Penetro nos mistérios da forma, mas não no Mistério.

Vejo só os revestimentos de Deus. Não vejo nada mais.

O amor da forma é bom, mas apenas quando a forma é conhecida por aquilo que é – o recipiente que esconde a Vida.

O amor da forma jamais deve esconder a Vida, que está por trás dela, o Uno que trouxe a forma à luz, e a conserva para Seus fins, o Uno que vive, ama, e serve a forma, o *Uno que é*. A Palavra emanou da Alma para a personalidade: – Atrás daquela forma estou Eu. Conhece-me.

Atende e conhece a natureza dos muitos véus da vida, mas ao mesmo tempo conhece o Uno que vive. Conhece-me.

Não deixes que as formas da natureza, seus processos e seu poder, te impeçam de buscar o Mistério, que levou a ti os mistérios.

Conhece bem a forma, mas deixa-a, alegremente, e procura-me.

Retira teu pensamento da forma, e encontra-me; espero sob os véus, sob as múltiplas formas, sob as ilusões, sob as formas-pensamento que escondem o Meu verdadeiro Eu. Não te deixes enganar.

Encontra-me. Conhece-me. Agora poderás usar as formas que não esconderão nem velarão o Eu, mas permitirão que a natureza daquele Eu penetre

através dos véus da vida, revelando toda a radiosidade de Deus, o Seu poder, o Seu magnetismo.

A mente revela o Uno. A mente pode unir e fundir a forma e a vida. Tu és o Uno. Tu és a forma. Tu és a mente.

Sabe isso".

Nessas frases está simbolizado, como vêm, todo o processo evolutivo que se dirige ao espírito do homem do quinto raio, desde a sua imersão na forma e nos fenômenos da natureza até a revelação da Divindade que está velada e oculta na forma. Depois dessa revelação acontece o desapego temporário do mundo fenomênico, e então o retorno, depois do qual a forma é usada como instrumento e símbolo da radiosa vida do Eu.

Vamos, agora, analisar mais pormenorizadamente as características psicológicas desse temperamento, e vejamos as notas positivas e as negativas.

Será útil subdividir esse temperamento em três categorias, conforme seu nível evolutivo, como de outras vezes fizemos:

a) o tipo inferior;

b) o tipo médio;

c) o tipo inferior.

a) *O tipo inferior* poderia ser até mesmo pouco culto, mas terá sempre uma preponderância da mente concreta e tendência inata para observar o mundo material e a ver apenas esse mundo. Assim, haverá nele uma incompreensão pelo que "não se pode tocar com a mão", e um desdenhoso desprezo pelo mundo dos sentimentos próprios e alheios, que considerará apenas como produto de tolas fantasias e inúteis sonhos. Por isso, tenderá, sempre, a reprimir as próprias emoções e as próprias exigências sentimentais. Não terá simpatia e compaixão pelos outros, mas um constante apego às críticas duras e impiedosas. Portanto, não hesitará em julgar e condenar as ações alheias, especialmente as que têm como causa os sentimentos, as paixões e os ideais que para ele são incompreensíveis.

Não terá sentimento religioso, nem devoção ou misticismo.

Sua mente será inteiramente fechada à intuição e será limitada, repleta de preconceitos, de limitações, de cristalizações.

Negar sempre, teimosamente, tudo quanto não seja sujeito a experiências, e se mostrará fechado de todo para qualquer problema vasto e universal que requeira um esforço intuitivo.

Será fechado, também, para a arte e para tudo quanto for emotivo, poético e intuitivo, nas manifestações artísticas.

Será pedante e cáustico, pessimista e destrutivo, incapaz de contentamento e alegria, de entusiasmo e ternura.

Habitualmente, sua casa será muitíssimo ordenada e de extrema limpeza, mas fria e impessoal. Sua tendência à análise, à minúcia, irá torná-lo pequenino e cansativo, limitado e mesquinho.

b) *O tipo médio*, como é natural, terá em si uma composição de qualidades positivas e qualidades negativas. É o tipo mais comum do quinto raio, nele começam a manifestar-se as qualidades melhores, mas ainda subsistem os lados inferiores, não de todos superados.

A mente, nesse nível evolutivo, será mais desenvolvida do que a do tipo inferior, e começará a manifestar a qualidade da coerência, da exatidão, da precisão, da observação aguda, da atenção prolongada, da análise minuciosa e paciente.

O tipo médio será, também, escrupuloso e ordeiro em excesso em todas as suas manifestações. Assim, mesmo em sua maneira de falar, será exato, preciso, ligado ao que é verdadeiro.

Nele se manifestará o predomínio da mente concreta sobre o lado emotivo, como vimos no tipo inferior, mas esse lado poderá começar a desenvolver-se pouco a pouco, quando ele compreender, *com a mente*, a utilidade e a beleza das qualidades emotivas e intuitivas. Todavia, essa conquista lhe será árdua e não virá sem conflitos, porque a razão, com sua crítica fria e impiedosa, tenderá sempre a desprezar e a sufocar os sentimentos.

É preciso dizer, entretanto, que a honestidade inata e a profunda retidão dos indivíduos desse raio são de grande ajuda para favorecer o equilíbrio de sua natureza, desde que eles percebam que seus lados negativos são nocivos aos outros, e tenham começado a apreciar as qualidades que lhes faltam. Então, desejarão tornar-se mais amáveis, mais sensíveis, mais abertos, até mesmo para "o lado oculto das coisas".

Os indivíduos desse temperamento desprezam a astúcia e os ardis, detestam ser adulados e reverenciados, porque amam a fraqueza e a verdade que eles usam sempre, chegando, mesmo, à crueza de linguagem.

O seu defeito principal é a tendência à cristalização mental, à imersão no mundo da matéria, mas isso é contrabalançado pela sinceridade dos propósitos e pela profunda sede de conhecimentos.

No tipo médio do quinto raio começa, realmente, a manifestação dessa sede de conhecimentos, como que uma profunda e irrefreável exigência para encontrar a causa de tudo. Porém, estando voltados para o exterior, procurarão essa causa observando, indagando, analisando os fenômenos do mundo objetivo, e eis por que se diz que esse raio produz os cientistas, os pesquisadores do mundo da matéria e dos fenômenos.

Eles poderão, portanto, ser biólogos, químicos, físicos, matemáticos, astrônomos, etc. se escolherem um ramo científico, mas também poderão ser críticos, gramáticos, historiadores ou outra coisa, demonstrando sempre, porém, seja qual for o ramo de sua atividade, a tendência à análise, à exatidão, à precisão, à paciência.

Tal sede de conhecimentos e de saber da mente concreta, que é a nota fundamental do quinto raio, faz-se muito importante e necessária à evolução do homem. Realmente, os infinitos "porquês" que a mente busca sem trégua levam o homem sempre para a frente, sempre mais para o alto,

em direção da "causa primeira", embora ele, ao início, perdido na visão do particular, seja inconsciente disso.

A um certo ponto do caminho de sua busca, o homem do quinto raio chega ao ponto de erguer o último véu que esconde a realidade, e, então, sua mente tem a revelação de que matéria e espírito são a mesma coisa, que tudo quanto foi dito das religiões e das mentes intuitivas era verdade, e que a ciência, ao invés de destruir aquelas afirmações, a tinham confirmado, tornado compreensíveis e experimentais, por meio da descoberta das energias, e das leis que as regulam.

Eis, então, que do homem médio surge o indivíduo superior desse raio: o *cientista iluminado*.

c) *Tipo superior*: No tipo superior haverá uma predominância clara das qualidades positivas, já que as negativas terão começado a ser dominadas e transformadas.

Ele compreenderá que a mente não é apenas um instrumento de observação e de pesquisa para voltar-se em direção do mundo concreto das formas, mas, também, um meio de conhecimento que pode ser voltado para o alto, e tornar-se a ponte entre o IV e V reinos, isto é, entre o mundo da personalidade e o mundo do Espírito.

Como diz Van der Leeuw, no livro *O Fogo da Criação*, "Existe uma relação entre o intelecto e a mente superior. O intelecto, por assim dizer, é o reflexo e a manifestação da mente superior no mundo das ilusões, e o seu método é exatamente oposto ao da mente superior.

Contudo, só quando o intelecto é estimulado o lampejo da intuição proveniente da mente superior pode iluminá-lo, e procurar a solução de um problema ou a visão de uma nova teoria, teoria essa que se torna a contribuição do cientista para o mundo do conhecimento.

O indivíduo evoluído do quinto raio terá todas as qualidades positivas do cientista e do pesquisador, reunidas ao desenvolvimento da intuição cognitiva e do amor. O seu poder de análise e de observação se voltará para algo mais do que para as formas físicas, também, para o mundo das energias e das vibrações hiperfísicas, e, pouco a pouco, ele se tornará o verdadeiro ocultista, isto é, o cientista do espírito que saberá "usar a mente em qualquer direção que desejar, voltando-a externamente para o mundo dos fenômenos, e internamente para o mundo do Espírito" (Bailey, *Tratado de Magia Branca*).

Além disso, ele alcançará as qualidades próprias da mente concreta (análise, precisão, exatidão, ordem, persistência, etc.) e também as qualidades do coração e da intuição, isto é, sensibilidade, compaixão, reverência, amor, alcançando aquele sentimento de "religiosidade cósmica" de que fala Einstein, é que é, talvez, a mais alta forma de religião, livre de egoísmo e de personalismo, toda imbuída do senso do universal e do infinito, na qual Deus perde completamente seu aspecto antropomórfico e é reconhecido como Mente Universal.

Número infinito de grandes nomes da ciência tem demonstrado esse sentimento de religiosidade cósmica, de Ptolomeu a Newton, de Galileu a Flammarion, de Kepler a Einstein.

Eles demonstraram claramente que a mente científica, quando iluminada pela intuição, pode dar ao homem o poder de alcançar e descobrir a realidade que está por trás das formas, a capacidade de saber reconhecer a origem divina de tudo quanto existe, e, por fim, a possibilidade de colaborar no progresso e na evolução do homem.

Qualidades do Quinto Temperamento

Positivas: Firmeza de convicções; Ordem mental e exterior; Exatidão escrupulosa; Honestidade até mesmo nas pequenas coisas; Veracidade; Pontualidade; Coerência; Coragem das próprias ações e opiniões; Persistência na pesquisa; Brilhante capacidade de análise; Observação exata e particularizada; Capacidade de atenção prolongada; Imaginação exata; Inteligência aguda e penetrante; Senso de extrema justiça; Retidão; Independência.

Negativas: Pedantismo; Insensibilidade para com os sofrimentos alheios; Estagnação mental; Não ver o universal; Fugir à visão da essência; Fechamento para as ciências do espírito; Materialismo; Nenhuma apreciação da intuição; Considerar os outros como instrumentos do conhecimento; Negação do que não é objetivamente experimental; Exclusivismo mental; Ceticismo; Incompreensão das intuições religiosas; Desprezo pela poesia e pela arte; Incompreensão dos sentimentos; Repressão dos sentimentos; Falta de visão do conjunto; Ver só os aspectos inferiores da natureza humana; Tomar a parte pelo todo; Tomar um fragmento da verdade por toda a Verdade; Falta de compaixão e misericórdia; Preconceito mental; Crítica dura; Arrogância.

Outras características: Despreocupação intelectual; Apego à realidade objetiva; Cruza de linguagem; Circunspecção; Desprezo pela astúcia e pelos ardis.

Virtudes a obter: Intuição cognitiva; Amor; Compreensão; Simpatia; Compaixão; Reverência; Ternura; Largueza de visão; Capacidade de síntese.

Guia para a Auto-análise

1. Que qualidades positivas ou negativas do 5° Raio pensa possuir?
2. Especifique de qual delas sente necessidade: a) suscitar; b) reprimir; c) sublimar.
3. Quais, entre as qualidades negativas, lhe são mais antipáticas, e quais, entre as qualidades positivas, lhe são particularmente mais simpáticas?
4. Tem qualquer reação especial em relação aos tipos positivos ou negativos do 5° Raio? Pode explicar o porquê dessas suas eventuais reações?
5. Ama o conhecimento e tende a alcançá-lo através de métodos científicos e matemáticos?
6. Ama a clareza, a precisão, a ordem, a exatidão nos detalhes de seu trabalho e no dos outros?

7. Tem tendência aos estudos científicos, à técnica, ou a qualquer outro estudo ou trabalho que requeira atenção, análise cuidadosa dos detalhes, precisão e exatidão?
8. Ama a poesia e a arte que tende a expressar sentimentos e estados de espírito?
9. Tem compreensão e simpatia para com as pessoas sentimentais e românticas?
10. Em sua opinião, é mais útil à humanidade um grande cientista do que um grande filósofo?
11. Que pensa dos grandes Santos e dos grandes Místicos?
12. Como definiria a palavra "intuição"?
13. Tende a tomar atitude de crítico, de juiz, diante de qualquer manifestação humana?
14. Contando um acontecimento, expõe fielmente os detalhes precisos e deseja exatidão dos detalhes e a veracidade absoluta da testemunha de um acontecimento?
15. No campo moral, tende a julgar de um ponto de vista de justiça rígida e inflexível, ou tende a considerar atenuantes?
16. Tem tendência a desvalorizar, ou, pelo menos, a duvidar de tudo que não tem relação com o mundo físico, objetivo, e que não pode experimentar?
17. Que pensa das revelações e das intuições religiosas?
18. Tem tendência a observar todos os detalhes de um objeto ou de um mecanismo e de analisar seu funcionamento?
19. Considera o conhecimento do mundo objetivo da natureza e das suas leis, a descoberta das causas de todos os fenômenos naturais, como finalidade tão alta a ponto de constituir o escopo da vida?

O SEXTO TEMPERAMENTO: DEVOÇÃO E IDEALISMO

O sexto raio tem como característica fundamental a sublimação das emoções em devoção ante a Divindade, e a transformação do desejo em aspirações voltadas para o idealismo e para o alto.

O sexto raio é o correspondente extrovertido do segundo raio, pois realmente o sentimento de amor desse temperamento volta-se a todo o momento para qualquer coisa que está "fora dele" e existe, assim, um senso de dualismo entre ele e a coisa amada, seja uma pessoa, um ideal, ou a Divindade. No segundo raio, ao invés disso, o amor se identifica com o objeto amado, e sente-se uno com ele. Seu amor é uma expansão da consciência, uma inclusão, uma ampliação de si mesmo.

Na realidade, o sentimento do tipo do sexto raio é mais devoção do que amor, e por isso volta-se sempre para qualquer coisa de mais alto. O objeto amado é sempre idealizado, e assim torna-se um ídolo que deve ser adorado e venerado. Isso depende do fato de que a essência profunda desse temperamento, e a energia que o produz, são a tendência a subir, à ascensão, à verticalidade.

Talvez seja essa a energia mais útil, porque representa o desejo de aperfeiçoamento, a aspiração ao progresso, ao melhoramento, representa a força da própria evolução, que se manifesta em toda a natureza, em todas as formas em diversos níveis e graus. "Seja o poder da pequena semente, profundamente escondida na terra escura, para atravessar as barreiras que a circundam e emergir para a luz, seja o poder do ser humano de elevar-se da morte na matéria para a vida em Deus, e de penetrar no mundo do Real, libertando-se do mundo irreal, é sempre a manifestação da mesma força fundamental, que é o idealismo" (A. A. Bailey, *Tratado sobre os Sete Raios*).

Essa é, pois, a essência espiritual do sexto raio: o anelo, profundo e instintivo, de todas as coisas criadas, e do homem, a elevar-se para Deus, a procurar a perfeição seguindo um modelo ideal.

Tal é a essência profunda que dá lugar, naturalmente, como nos outros raios, a numerosas outras características e qualidades secundárias, que são a consequência direta e indireta dessa essência.

No homem, a primitiva energia do 6º Raio se manifesta de formas diversas e variadas, produzindo vários tipos psicológicos segundo seu grau evolutivo.

Vimos, também, nos outros temperamentos, que a nota espiritual e original deles, descendo na personalidade ainda imperfeita dos homens, altera-se e modifica-se, vindo a perder a pureza primitiva, e se traduz em qualidades secundárias, sejam positivas ou negativas.

A energia é como a água, que toma a forma do recipiente que a contém, e se polui e fica turva, perdendo sua limpidez cristalina, se esse recipiente não for limpo.

O mesmo acontece com as energias fundamentais dos vários raios, tão puras e perfeitas em sua origem, e que, todavia, podem produzir consequências

negativas, imperfeições e erros, à proporção que descem à matéria dos vários planos, e manifestam-se em indivíduos de vários graus evolutivos.

A tarefa do homem é a de reconhecer a perfeição latente mesmo sob a imperfeição, e trazer à luz sua verdadeira função, a positiva e espiritual, a energia psíquica fundamental do seu temperamento.

Voltando agora à análise do sexto raio, vejamos como ele se manifesta no plano humano e pessoal.

O homem do sexto raio tem, geralmente, características bem delineadas e facilmente reconhecíveis, entre as quais a mais evidente é a de ter a necessidade inata de criar para si, continuamente, "ídolos", para adorá-los e segui-los, porque tem a exigência de dedicar toda a sua energia emotiva a alguma coisa, ou a alguém.

Em um primeiro estágio, será sempre "alguém" o objeto da sua devoção. Todavia, a maneira de expressar essa devoção será imperfeita, porque será exclusiva, parcial, ciumenta e fanática.

Ele não verá outra coisa no mundo a não ser o seu ídolo, e todas as suas energias serão concentradas sobre ele, num apego cego e unilateral.

Isso se repete mesmo quando o objeto da devoção do indivíduo do sexto raio é uma idéia (política, religiosa, ou outra).

Ele será sempre o fanático, de visão estreita e limitada, capaz de morrer pelo seu ideal, mas também capaz de se tornar cruel, injusto e destrutivo contra todos quantos não reconheçam como justa a sua idéia.

Isso acontece com muita freqüência, e tem acontecido, seja no campo político, seja no campo religioso.

Todas as perseguições, as mortandades, as ferezas, as injustiças, as imposições cruéis foram geradas por essa energia do sexto raio, manifestando-se através de indivíduos ainda imperfeitos e pouco evoluídos, mais perigosos e nocivos por estarem imersos na ilusão de serem movidos por uma idéia justa e santa.

O caminho evolutivo do homem do sexto raio é muito trabalhado, porque a facilidade de idealizar mesmo as pessoas imperfeitas, ou as idéias erradas, e a devoção cega e completa, geram, naturalmente, graves desilusões, uma vez que a verdade se revele e o indivíduo perceba que se deu todo a um ídolo falso.

As desilusões do tipo do sexto raio podem ser tremendas, como profundas e completas eram as suas ilusões. Todavia, ele é capaz de recuperar-se e erguer-se, porque encontrará um outro ideal para seguir, um outro objeto para adorar.

E assim procede, caindo e levantando-se, e de cada vez subirá um tantinho na escala evolutiva, pois que o ideal sucessivo será sempre um pouco mais alto do que o precedente, e mais próximo da realidade, até que haja a crise final que o levará ao desapego completo de tudo e à descoberta da Realidade que está dentro dele próprio. Agora, já não irá procurar Deus fora de si mesmo, não será mais um "seguidor" de miragem, mas sentirá a

presença Divina em seu coração, e se tornará um guia, e um mestre para os outros.

Para compreender melhor o aspecto humano desse temperamento, vejamos como se manifestaria a energia do sexto raio na natureza emocional de um indivíduo e quais seriam seus apegos afetivos, pondo-os em confronto com os de um indivíduo possuidor de um corpo emotivo do segundo raio.

Tomemos como exemplo um homem de evolução média.

Se ele tiver um corpo emotivo do sexto raio, terá tendência a idealizar a pessoa amada, a acreditar-la perfeita, cheia de todas as virtudes e de todas as vantagens. Seu amor será devoto, fiel, apaixonado, e, de certa forma, humilde, mas, ao mesmo tempo, exclusivo, ciumento, desconfiado. Não verá o objeto do seu amor em sua verdadeira proporção, mas através de um véu de ilusão, já que identificará seu sentimento pessoal com a aspiração, latente nele, para um ideal de perfeição.

Assim, é natural que se desiluda facilmente, pois que um dia irá perceber as inevitáveis imperfeições da criatura idealizada, que, sendo um ser humano, é, por sua própria natureza, imperfeita.

Todavia, e à proporção que essa sua tendência ao idealismo e à devoção se dirija para objetos mais altos e mais impessoais, nascerão nele ainda outras qualidades, como a capacidade de sacrifício, de sublimação, de ascetismo, de heroísmo, e eis que assim temos o místico, o herói, o santo, que podem chegar até a imolação de si mesmos por amor ao seu ideal.

Um homem com um corpo emotivo do segundo raio amará de maneira diferente. Não colocará a criatura amada acima de si mesmo, mas irá inclinar-se a se identificar com ela, a sentir uma união completa, e de tal modo que isso trará enriquecimento e integração recíproca.

Tal homem não terá, portanto, os defeitos das ilusões e da cegueira, pois saberá ver a pessoa amada em sua exata proporção, porém terá os defeitos da fraqueza e da falta de energia e ardor.

Podemos, de certa maneira, dizer que o amor do sexto raio é "vertical", enquanto o do segundo raio é "horizontal".

Dissemos que o sexto raio, quando sublimado, pode produzir os grandes místicos e os verdadeiros santos, mas não se deve pensar que temperamentos desse tipo não são encontrados em outros campos da vida. Pode haver cientistas, políticos, artistas, etc., por exemplo. Todavia, estará sempre presente nessas pessoas a nota da devoção e do idealismo.

Um cientista com o temperamento do sexto raio irá dedicar-se completamente à ciência, não só com a mente, mas também com a participação da natureza emotiva, fazendo da pesquisa científica o seu ideal, e dando a esse ideal todas as suas energias, físicas, emotivas e mentais. Será capaz de sacrifício e abnegação, e poderá chegar ao ponto de se imolar, se necessário for, no altar da ciência.

Como político será cheio de idealismo e de fervor, e terá a atitude inconsciente de quem sente estar incumbido de uma missão. Ao mesmo tempo,

entretanto, poderá ser fanático e fechado, duro e incompreensivo para com os que não aceitem suas idéias.

Os temperamentos do sexto raio, mesmo pelo seu ardor, pelo seu entusiasmo e pelo seu dinamismo, terão o dom de arrastar os outros, de sacudir a inércia das outras pessoas, de "galvanizá-las", em certo sentido, e de suscitar nelas sentimentos análogos aos seus.

Há, nesse tipo, uma brilhante capacidade para superar o desejo e para sublimar as emoções, e por isso uma de suas qualidades fundamentais é o ascetismo. No místico, essa qualidade está presente; nele, realmente, encontramos uma espécie de desprezo e aversão contra as paixões e os instintos inferiores, embora eles próprios sejam de natureza passional. Não obstante, o ímpeto para subir e o desejo de purificação e de aperfeiçoamento são de tal modo fortes nele, que fazem nascer um sentimento de repulsa contra tudo que possa servir de obstáculo a essa ascensão.

Alguns nomes simbólicos dados ao sexto raio querem mesmo significar essa tendência ascensional e ascética. Eis um exemplo:

"O Negador do Desejo" "Aquele que detesta as formas" "Aquele que parte as pedras"

Todavia, ao lado de qualidades elevadas, como essa do ascetismo, podem estar presentes nele imperfeições e defeitos também. No sexto raio há uma forte oscilação entre os opostos; heróis e tiranos, santos e fanáticos podem ser expoentes dessa energia.

Uma qualidade negativa característica desse temperamento é o personalismo, isto é, o dar muita importância às reações pessoais, tanto suas como dos outros. Na verdade, ele é hipersensível e desconfiado, e pensa sempre que as reações dos outros têm intenções que a ele se referem. Sem perceber, está sempre concentrando em si, na "sua" visão, na "sua" tarefa, na "sua" idéia, e será cego e surdo para os ideais dos outros.

Vejamos como esse temperamento é descrito no *Tratado dos Sete Raios*, de A. A. Bailey:

"Esse raio é chamado o da devoção. O homem que está sob esse raio é cheio de sentimentos religiosos, e de intensa passionalidade pessoal.

Nada é tomado por ele de maneira equilibrada. Todas as coisas são, a seus olhos, perfeitas ou intoleráveis. Seus amigos são anjos, e seus inimigos exatamente o contrário. Sua opinião, em ambos os casos, é baseada não nos méritos intrínsecos das pessoas, mas no efeito que tais pessoas lhe causa, na simpatia ou na antipatia que mostram pelos seus ideais prediletos, sejam esses concretos ou abstratos, pois que ele é todo devotamento por uma pessoa ou por uma causa.

O sexto raio deve ter sempre um "Deus pessoal", uma encarnação da Divindade para adorar. O tipo melhor desse raio é o Santo, o pior é o beato ou o fanático: o mártir típico, ou o típico inquisidor.

Todas as guerras religiosas, e as cruzadas, tiveram origem no fanatismo do 6º Raio.

O homem desse temperamento é muitas vezes de natureza doce e gentil, mas pode explodir em cólera e violência, súbitas e tremendas.

Poderá dar a vida pelo objeto de sua devoção e da sua reverência, mas não levantará um dedo para ajudar os que estão fora das suas simpatias imediatas.

Como soldado, não gosta de combater, mas se estiver convencido da justiça da causa, combaterá com ardor e heroísmo extremos.

Nunca chega a ser grande homem de estado ou de negócios, mas pode ser um grande orador ou pregador.

O indivíduo do sexto raio será o poeta das emoções (como Tennyson), ou escritor de livros religiosos, em poesia ou em prosa.

Amará a beleza e as cores de todas as coisas belas, mas sua habilidade criativa não será muito desenvolvida, a menos que seja modificada por um dos raios mais praticamente artísticos.

Sua música será sempre melodiosa, e com frequência será compositor de oratórios e de música sacra.

Seu método de desenvolvimento e de aproximação do Caminho será a prece e a meditação que tendem à união com Deus".

É fácil compreender quais são as dificuldades e os problemas de um indivíduo do 69 Raio, e como o seu caminho pode estar disseminado de ídolos quebrados, de amargas desilusões, de miragens e de quedas.

Quando um homem desse temperamento é bastante evoluído e começa a orientar-se para a vida espiritual, seu problema torna-se mais definido:

"O problema do aspirante espiritual do 69 Raio é o de libertar-se da escravização das formas (embora não da forma) e ficar calmamente ao centro. Desse modo ele consegue alargar sua visão e obter um justo senso das proporções. Essas duas qualidades faltam-lhe sempre, enquanto não souber assumir seu lugar exato e assim afinar-se com todas as visões, com todas as formas da verdade, atrás das quais encontrará Deus e os outros homens. Então, e só então, será possível confiar em que ele trabalhe de acordo com o Plano. A estabilidade nascida desse "estar calmamente no centro" produz, naturalmente, uma crise muito difícil de superar. É uma crise que parece deixá-lo privado de todos os incentivos, de todos os móveis, de todas as sensações, e de toda a apreciação dos outros, e até da própria finalidade da vida.

A idéia da "minha" verdade, do "meu" Mestre, do "meu" ideal, do "meu" caminho, o abandona, e ele ainda nada tem com que possa substituí-la. Por isso a crise é muito dura e deve produzir uma reorientação completa. Desapareceram o seu fanatismo, a sua devoção, e o seu apego profundo em relação a si mesmo e aos outros, os seus inúteis esforços, sua falta de compreensão quanto aos pontos de vista alheios, mas ainda nada tem para preencher essas faltas. Ele se acha oprimido por um senso de inabilidade, e o mundo desmorona sob seus pés.

Fique ele suspenso sobre o centro, e, com os olhos fixos no Espírito, suspensa todas as atividades durante um breve período de tempo, até que a Luz desça sobre ele. . ." (A. A. Bailey, *Tratado dos Sete Raios*).

É muito difícil para o indivíduo do 6º raio "ficar calmamente ao centro", porque a energia de que está impregnado é dinâmica e potente, e quer sempre arrastá-lo à atividade. Todavia, ele compreende, por fim, a inutilidade da sua agitação por qualquer coisa que está fora dele próprio, e, no período da crise que o induz à quietude e ao silêncio, naquele vazio aparente, aprende a olhar para dentro de si mesmo e a reconhecer que "a vida está no centro dele". Aprende a ficar em pé sozinho, e recebe a dura lição do desapego e da impessoalidade. Reconhece que Deus está, na realidade, dentro dele, como está no centro do coração de todos os homens, e não O buscará mais no exterior, e não mais se sentirá separado Dele. Então, saberá expressar aquele amor abrangente, magnético, que é a sua verdadeira condição, aprenderá a compreender todas as visões, todos os ideais, todas as verdades, e saberá que é, ao mesmo tempo, um verdadeiro servidor, e um guia amável e sábio.

Qualidades do Sexto Temperamento

Positivas: Devoção; Idealismo; Misticismo; Espírito de sacrifício; Lealdade; Fidelidade; Entusiasmo; Ternura; Amor; Unidade de propósito; Fervor; Capacidade de sublimação; Ascetismo; Abnegação; Compaixão; Sinceridade; Presteza no auxílio; Reverência; Constância.

Negativas: Fanatismo; Parcialidade; Visão curta e restrita; Apegos emotivos egoísticos e ciumentos; Impulsividade; Obstinação; Preconceitos; Cólera furiosa; Superstição; Excessiva necessidade de apoiar-se em outros; Auto-ilusão; Conclusões demasiadamente rápidas; Desconfiança; Personalismo; Combatividade; Passionalidade; Unilateralidade.

Virtudes a obter: Força; Pureza; Sinceridade para consigo mesmo; Tolerância; Equilíbrio; Bom senso; Amor desinteressado e altruístico; Largueza de idéias; Desapego; Impersonalidade.

Guia para a Auto-análise

1. Que qualidades, positivas ou negativas, do 6º Raio, pensa possuir?
2. Especifique de qual delas sente necessidade: a) suscitar; b) reprimir; c) sublimar.
3. Quais, entre as qualidades negativas, lhe são mais antipáticas?
4. Tem qualquer reação especial interior para com os tipos positivos ou negativos do 6º Raio? Pode explicar essas suas eventuais reações?
5. Sente necessidade de apoio moral, de incitamento e de um modelo ideal que dirija sua vida interior e exterior e o ajude a prosseguir e a evoluir?
6. É levado a idealizar as pessoas amadas, e tem, em relação a elas, atitudes de devotamento?
7. Sente-se pronto a defender os seus ideais com coragem e com entusiasmo?

8. Queria que todos apreciassem e reconhecessem o seu ideal, que considera superior a todos os outros?
9. Gostaria de arrastar e convencer os outros a reconhecer e a seguir o seu ideal?
10. Sente-se tomado de cólera quando alguém ofende os seus ideais?
11. Sofreu muito quanto viu ruir algum dos seus ideais que não correspondia à realidade, e sentiu uma sensação de medo e vazio e a necessidade de substituir o ideal caído por um outro?
12. Sofre de simpatias e antipatias?
13. Tem tendência ao misticismo, e sente um amor instintivo pela divindade e um senso de confiante abandono em relação a ela?
14. Sente-se capaz de renúncia, de sacrifícios, de ascetismo?
15. É muito sensível às reações e pensamentos alheios a seu respeito, e é desconfiado por natureza?
16. Nos seus afetos é muito emotivo, ardente e ciumento?
17. Nos seus momentos de dor é levado instintivamente à prece, a pedir o auxílio da Divindade ou de qualquer Ser Superior?
18. Quando ajuda os outros faz isso porque é uma sua necessidade instintiva e uma expressão de amor, ou porque é agradável à Divindade ou aos Seres Superiores?
19. Poderia viver sem ideal?

O SÉTIMO TEMPERAMENTO: CONCRETIZAÇÃO FÍSICA

O sétimo raio é de particular interesse para nós, porque expressa a manifestação da energia espiritual no plano físico, e tem, portanto, a função de levar à realização a tarefa e o escopo final do homem, que são os de tornar a personalidade e, sobretudo, o veículo etérico instrumentos perfeitos do Ego no plano da manifestação física.

A meta do sétimo raio é a de fazer do corpo físico-etérico o *Templo do Senhor*, criando, pouco a pouco, com a penetração da sua energia e a sublimação da matéria, aquele *corpo glorioso* que todos os Grandes Seres possuem.

A natureza espiritual e as funções cósmicas do Sétimo raio são claramente sintetizadas no *Tratado dos Sete Raios*, de A. A. Bailey, com estas palavras:

"A função cósmica principal do 7º Raio é a de realizar a Obra mágica de fundir o Espírito e a matéria, de modo a produzir a forma manifestada por meio da qual a vida desenvolvera a glória de Deus".

Essa função se explica em todos os reinos da natureza, e assim também no reino mineral, onde vemos o exemplo na formação maravilhosa de um cristal ou de uma pedra preciosa, que com a beleza da sua forma, das suas linhas e de suas cores, com a sua perfeição geométrica, demonstram o resultado do trabalho do 7º Raio.

No livro mencionado sobre os Sete Raios, foi dito que também a radioatividade da matéria pode ser atribuída ao influxo do 7º Raio através do reino mineral.

No reino humano essa energia produz muitas qualidades e características psicológicas, entre as quais a fundamental é a tendência inata e espontânea a "concretizar no físico", isto é, a transmitir a energia à matéria, a realizar a idéia numa obra física, a organizar, a plasmar, a modelar a matéria.

Essa tendência a concretizar pode manifestar-se em vários e infinitos modos e suas numerosas linhas, das mais humildes às mais elevadas.

Por exemplo, a agricultura é uma dessas manifestações, como o é a produtividade em qualquer campo que seja.

Outras qualidades essenciais do temperamento do sétimo raio, que, na realidade, derivam-se da primeira, são a ordem e a organização.

A ordem é tida no sétimo raio essencialmente com ritmo, como atividade ordenada.

Vejamos, realmente, como a ordem se manifesta na natureza, sobretudo como ritmo. O suceder-se do dia e da noite, o alternar-se das estações, o retorno cíclico das fases lunares, etc. são acontecimentos que sucedem dentro de uma ordem rítmica e harmoniosa.

No homem que está sob o influxo do sétimo raio há essa tendência de impor um ritmo em sua vida, de início operando sobre suas ações exteriores, e,

num segundo tempo, também sobre ávida interior, quando a Alma começa a fazer sentir a sua influência e quer dominar o seu instrumento.

O temperamento do 7º raio alterna, então, períodos de atividades e períodos de aparente inércia, pois segue inconscientemente os ciclos e os ritmos, sejam os da natureza, sejam os da sua energia interior, que têm, naturalmente, um movimento de fluxo e refluxo.

Em alguns livros espirituais o 7º Raio é chamado também Raio do Cerimonial ou do Ritual, e na verdade há uma conexão íntima entre ritmo e rito e todas as atividades que se desenvolvem ritmicamente, como está escrito no *Tratado de Magia Branca*, de A. A. Bailey.

"A Alma domina o seu instrumento mediante o ritual, ou seja, mediante a imposição de um ritmo regular, já que o ritmo é o que realmente caracteriza um ritual".

O temperamento do 7º Raio tem, assim, essa tendência à atividade rítmica e ordenada, e, além disso, a realizar tudo, mesmo o mais humilde trabalho, como se fosse um rito.

Sente, inconscientemente, "a divindade das coisas", isto é, o lado espiritual oculto, que se esconde por trás das coisas aparentemente mais humildes e mais comuns, nas ações mais costumeiras, nos trabalhos mais materiais. Na realidade, tudo é divino, cada trabalho pode ser espiritualizado quando é feito com a consciência e a intenção de transmitir-lhe um significado superior, uma energia espiritual.

Cada ato exterior pode tornar-se "sagrado", todas as manifestações materiais podem ser um "símbolo", se quem os realiza mantém interiormente um estado de consciência elevado e sabe transmitir para esses trabalhos uma energia superior.

O tipo do 7º raio, mais evoluído, tende, espontaneamente, a essa verdade, porque ele não sente a dualidade Espírito e Matéria, e assim é levado à síntese, às manifestações da espiritualidade no plano material.

Em um certo sentido ele é o oposto do temperamento do 6º raio, que (como vimos) tende à ascese, à superação do mundo físico, ao desapego dos objetos dos sentidos, e sente muito a dualidade entre ele e a Divindade.

Na verdade, a técnica espiritual do 6º Raio é a *aspiração*, isto é, fazer baixar para a personalidade as energias espirituais, transformando os veículos inferiores em canais e instrumentos aptos a receberem tais energias.

Portanto, o 6º Raio sublima as energias pessoais em energias espirituais, enquanto o 7º Raio transforma a energia superior em realizações e manifestações concretas, canalizando-as para obras e ações no plano físico, por meio do "ritual", como diz Van der Leeuw.

"No ritual criamos uma forma através da qual os poderes Divinos possam manifestar-se temporariamente e agir sobre este mundo físico. A grande lição de cada ritual é a de que a nossa vida inteira deve tornar-se um rito, isto é, uma ação controlada que dirija as forças exatamente onde e quando ocorram. Por isso o cerimonial da vida cotidiana que se expressa

com cortesia e dignidade de maneiras é uma das manifestações desse Raio" (*O Fogo da Criação*).

Também a atividade organizada de uma sociedade comercial, o funcionamento comum de um escritório, de um hospital, de uma casa, expressa essa energia do 7º Raio de ordem, do ritmo, do ritual em plano humano.

As qualidades negativas do homem pouco evoluído desse raio são apego às formas, materialismo, excessivo interesse pelos fenômenos psíquicos, estreiteza mental, uso egoístico dos poderes psíquicos, cristalização mental, tendência a perder de vista a essência para ver apenas a organização exterior. Numa palavra, todas as notas características que se mostram derivadas, de forma mais ou menos distorcida, da essência fundamental. Realmente, o apego excessivo à forma, ao ritual, ao cerimonial, que não passa, realmente, de superstição e beatice, é uma alteração de primitiva tendência a captar a essência profunda e o significado espiritual do rito e do simbolismo. No indivíduo pouco evoluído do 7º Raio há o perigo de que ele dê importância apenas ao que é externo, ao aspecto físico do rito, aos atos exteriores, e acreditar que somente o "gesto", a forma, vazios de significado e de energia, possam produzir resultados mágicos.

Um outro perigo em que pode cair aquele temperamento é o da superstição exagerada, isto é, a tendência a atribuir significação sobrenatural e extraordinária a dados acontecimentos, ou sinais, s, além disso, a crer em presságios, na sorte boa ou má, em influências sutis e malélicas das coisas e pessoas, etc. Ele se torna totalmente presa de tais defeitos, a ponto de se tornar escravo deles, e assim fica incapaz de usar o discernimento e o bom senso. Tem necessidade de consultar constantemente os oráculos, de interpelar os adivinhos e os magos, e vive numa atmosfera de ilusão e irreabilidade, sufocando a razão e a intuição, e pondo obstáculos ao desenvolvimento da mente.

Mesmo a capacidade de organização pode degenerar em um defeito se passar a uma tendência de dar excessiva importância ao cenário, à construção, ao lado externo, descuidando a verdadeira substância de uma coisa, e poderá transformar-se em obstáculo à liberdade criativa.

A tendência a concretizar o físico poderá fazer-se materialismo, ou tecnicismo excessivo, bem como mecanicismo, etc.

Por outro lado, no homem de evolução média começam a manifestar-se algumas características psicológicas positivas, como o interesse pelo trabalho produtivo, a capacidade de organização, o cuidado nos pormenores, a faculdade de saber manipular a matéria e vencer sua resistência, a capacidade econômico-financeira, a tendência à mecânica e à técnica, além da ordem, o ritmo e a inclinação a colocar no plano físico ritmos calmos que tornam possíveis as manifestações da energia superior.

O homem evoluído do 7º raio, além das qualidades acima relacionadas, terá outras notas de caráter mais espiritual, e, sobretudo, brilhante tendência para o ocultismo, isto é, para o espiritualismo entendido como trabalho de preparação da personalidade para que venha a ser um canal das energias espirituais. Portanto, cuidará de todas as disciplinas aptas para favorecer esse escopo, como a purificação física, o desenvolvimento mental, a imposição de disciplinas e dos ritmos à personalidade, o uso

das energias, a concentração e a meditação de tipo mental, o estudo científico da verdade espiritual e suas aplicações na vida cotidiana.

O discípulo do 7º Raio é o verdadeiro "Mago", compreendendo-se essa palavra em seu verdadeiro significado esotérico de "aquele que está em contato com a sua Alma" e pode, assim, transmitir a energia espiritual no mundo físico, e usar os poderes da Alma para fins elevados e altruísticos.

Alguns dos nomes simbólicos com os quais esse Raio é chamado no *Tratado dos Sete Raios* levam a que se compreenda bem sua tarefa espiritual;

O Criador da Forma, O Construtor do Quadrado, O divino lavrador alquímico, O guardião do Templo, O revelador da Beleza.

Tal tarefa específica do 7º Raio, que, na realidade, é a de criar a ponte entre o Espírito e a matéria, virá a ter expressão no ciclo de civilização que agora se está iniciando: o ciclo da Nova Era, que tem como nota fundamental precisamente a concretização, no plano físico, das energias espirituais.

O ciclo precedente estava sob o influxo do 6º raio, o da devoção, do misticismo, e da elevação e sublimação das emoções (como vimos nas lições passadas), enquanto o ciclo atual está sob o influxo do sétimo raio, que é o do ocultismo e do espiritualismo prático.

É interessante observar alguns paralelos entre os 6º e 7º raios, a fim de melhor compreendermos suas respectivas funções.

Na realidade, estamos agora num período de passagem, porque embora já se tenha iniciado a Nova Era, fazem sentir-se ainda fortemente os influxos da Era passada, e as notas do 6º e do 7º raios estão ambas presentes, entrecruzando-se e associando-se de infinitas maneiras.

O modo pelo qual tais influências se integram e se unem está descrito no *Tratado sobre os Sete Raios*, como segue:

"Os relacionamentos seguintes, entre o sexto e o sétimo raios, deveriam ser claramente mencionados e seria necessário aproveitar a relação existente entre o passado imediato e o imediato futuro, e nela discernir a manifestação do Plano Divino e a salvação futura da humanidade:

O 6º Raio fez surgir a visão.

O 7º Raio manifestará o que foi visto.

O 6º Raio produziu o místico, que representa o tipo do aspirante.

O 7º Raio desenvolverá o mago, que opera no campo da Magia Branca.

O 6º Raio produziu os grandes religiosos idealistas com a sua visão e sua inevitável limitação, necessária para proteger as almas jovens.

O 7º Raio libertará as almas evoluídas do estágio infantil, dando-lhes conhecimento científico do propósito divino que promoverá a futura síntese religiosa."

Poderíamos continuar a enumeração de muitos outros relacionamentos entre os dois raios, mas os que citamos parecem suficientes para mostrar a beleza e a utilidade dos preparativos feitos pela energia da devoção para a obra que deve agora cumprir a energia das concretizações e do rito.

Para voltarmos agora ao plano psicológico e individual, façamos notar como é útil, sobretudo para o homem, a integração das duas notas: a ascensional e aspiracional do sexto raio e a concretizadora e realizadora do sétimo, isto é, o misticismo e o ocultismo, que não deveriam estar como contrastes, mas em equilíbrio e colaboração harmoniosos.

O verdadeiro ocultista foi, necessariamente, um místico, no passado, pois para sentir a necessidade de expressar a energia espiritual no plano físico, e para ter a capacidade de fazer isso, fica evidente que ele soube, antes, elevar-se até o plano da Alma e "captar" a sua força e a sua luz.

Não é possível manifestar-se e criar se antes não se foi "saciado", não é possível dar se antes não se recebeu.

O indivíduo mais evoluído do 7º Raio sabe isso e procurará alternar ritmicamente a aspiração e a inspiração, a subida e a descida, pois ele é, de uma certa forma, o *cientista* do espiritualismo e usa as energias interiores de maneira técnica, dirigindo-as com a vontade e com a mente.

Constrói pouco a pouco a sua personalidade, transformando gradativamente os seus veículos inferiores em instrumentos para a energia do Ego. Dessa maneira o indivíduo do 7º Raio tende a realizar o "magnum opus", a criar o *ouro* da transformação alquímica dos elementos inferiores.

Seria ainda possível dizer muito sobre esse temperamento, mas o que mencionamos pode ser suficiente para compreendermos que o indivíduo que a ele pertence está de certa forma preparado, e mais adaptado para a Nova Era, em confronto com os que pertencem aos outros raios, porque pode colocar-se mais facilmente em sintonia com os ritmos novos e as novas influências que modelarão a nova civilização. Todavia, é preciso dizer que cada raio é aberto e sensível a essas novas vibrações quando manifesta seu lado positivo e superior.

Não devemos esquecer que os sete raios representam sete caminhos de desenvolvimento, e que esses caminhos conduzem todos ao mesmo fim.

São (como dissemos no início) as sete cores do arco-íris, que, ao se fundirem, formam a luz branca. Da fusão, na verdade, das sete energias dos raios, nasce a Luz espiritual, a Realidade Divina, que está latente e potencial em cada um deles.

Qualidades do Sétimo Temperamento

Positivas: Capacidade de concretização no físico; Capacidade de manipular as energias da matéria; Ordem; Espírito de organização; Cuidado nos promenores; Capacidade econômico-financeira; Produtividade; Força; Perseverança; Cortesia; Segurança de si mesmo; Capacidade para as construções mecânicas; Capacidade de cuidar do aspecto organizacional das várias formas de vida; Capacidade de interpretar os símbolos.

Negativas: Formalismo; Beatice; Orgulho; Limitação mental, materialismo; Interesse excessivo pelo psiquismo e pelo ocultismo em seu aspecto fenomenal.

Virtudes a obter: Realização da unidade; Largueza de idéias; Tolerância; Amor; Adaptabilidade.

Guia para a Auto-análise

1. Que qualidades positivas ou negativas do 7° Raio pensa possuir?
2. Especifique quais, entre elas, sente a necessidade de: a) suscitar; b) reprimir; c) sublimar.
3. Quais, dentre as qualidades negativas, lhe são mais antipáticas?
4. Tem qualquer reação interior quanto aos tipos positivos ou negativos do 7° Raio?
5. Sente-se levado a concretizar no físico as suas idéias, e tem capacidade técnica e construtiva?
6. É instintivamente ordeiro, não só nas coisas exteriores, mas também nas interiores, gostando de dar-lhes um ritmo, uma ordem, uma organização?
7. Ama a beleza em seu aspecto de linha harmoniosa, perfeita, clássica, mais do que do ponto de vista "romântico" de expressão de um sentimento?
8. Sente necessidade do rito do cerimonial, não só nas coisas religiosas, mas em todas as manifestações da vida? E, por causa dessa sua necessidade, descobre que todos os atos que realiza, mesmo o mais humilde, podem ter um sentido de "rito sagrado"?
9. É instintivamente levado a organizar, seja o seu trabalho, seja o de outrem?
10. Tem capacidade e interesse pelos problemas econômicos e financeiros, sejam individuais ou coletivos?
11. É levado a dar um significado misterioso, sobrenatural aos acontecimentos da sua vida, e da vida de outros, a crer em presságios, em sonhos, em fenômenos psíquicos em geral?
12. Tem capacidade para interpretar os símbolos, e de expressar-se em símbolos?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegados que somos ao fim deste curso sobre os Sete Raios, procuraremos "fazer a soma", por assim dizer, do nosso estudo e da nossa análise.

Podemos nos perguntar: De que utilidade foi esse estudo para nós?

Pudemos reconhecer em nós a nota de algum deles?

Estas e muitas outras perguntas poderíamos fazer, voltando com a mente às lições precedentes, às qualidades de cada um dos raios, e às perguntas a eles relativas.

Alguns de nós talvez tenham descoberto qual é a sua nota predominante, enquanto alguns outros, ao contrário, não conseguiram ver bem claro em si mesmos.

é natural que assim seja, porque não é fácil, à primeira auto-análise, chegar a delinear o próprio temperamento, a própria nota dominante. Todavia, o que acima de tudo conta, é ter começado a olhar para dentro de si próprio, é ter tido um primeiro contato (por assim dizer) com seu próprio mundo psíquico, é ter formado um quadro geral dos vários tipos psicológicos, de ter aprendido que existem vários temperamentos, linhas diferentes de desenvolvimento e de expressão. Dessa maneira demos contribuição ao desenvolvimento da qualidade da compreensão amorável para com os outros, para com a peculiaridade do seu caráter, para com a diversidade de comportamento, e nos tornamos mais indulgentes mesmo em relação aos defeitos e imperfeições alheios.

Mesmo que não tenhamos alcançado completamente o escopo, que era o de descobrir o nosso temperamento, começamos a compreender que não somos todos iguais, que não percorremos todos o mesmo caminho, que há diversas formas de expressão, e que temos qualidades e potencialidades diferentes uns dos outros, mas todas úteis, todas positivas, e que conduzem todas para a mesma meta final.

Muitos entre nós terão tido muita dificuldade ao fazer a análise de si mesmo e não terão chegado a compreender bem a sua natureza. Algumas qualidades lhes terão parecido familiares, outras desconhecidas, outras, ainda, duvidosas. Não é fácil, de início, compreender a si mesmo, e uma das razões fundamentais dessa dificuldade está no fato de não termos ainda uma personalidade integrada, por isso ainda não alcançamos a "psicossíntese pessoal".

Que significa personalidade integrada?

Personalidade integrada é aquela na qual todos os elementos físicos, emotivos e mentais, estão harmoniosamente desenvolvidos, e na medida igual, sendo, assim, coordenados entre si. Quando isso acontece, há uma espécie de fusão dos elementos pessoais dirigidos pela mente, e dessa fusão emana uma poderosa energia, a da *personalidade integrada*, que não é "soma aritmética" dos três elementos que a compõem, mas uma energia de todo nova, que tem sua nota especial e característica; essa nota é o raio da personalidade. Tal raio não pode surgir se não foi alcançada a integração dos três corpos da personalidade.

Portanto, se quisermos compreender qual é a nota, qual é o raio da nossa personalidade, devemos descobrir se estamos ou não integrados.

Quando a personalidade é integrada, o homem sente uma inesperada sensação de bem-estar, de poder, de eficiência, unidas à visão clara do escopo que se quer alcançar e à determinação inabalável de persegui-lo. Na verdade (como diz Roberto Assagioli em seu escrito *Coordenação dos veículos pessoais*), "Existe uma personalidade que tem consciência de um escopo e sabe disciplinar a atividade de forma a alcançá-lo ou procurar alcançá-lo".

Esse escopo, naturalmente, essa meta, são de caráter pessoal e não espiritual, mas são claros, nítidos diante da mente daquele que os percebem. Por exemplo, uma pessoa sente que tem especial vocação artística (ou de qualquer outro gênero) e dirige as suas energias para a realização dessa sua vocação, e isso quer dizer que tem personalidade integrada, e está sob a influência do seu raio especial. Ao contrário, outro indivíduo, que não tem tendências especiais, que não sabe qual o caminho a escolher, que não tem meta definida, será, muito provavelmente, uma pessoa não-integrada, que ondula continuamente, levantando ora por um, ora por outro elemento da sua personalidade, e por isso não consegue concluir nada de verdadeiramente positivo.

Somos, às vezes, presa das nossas emoções, dos nossos sentimentos, e isso quer dizer que está prevalecendo a nota do nosso corpo emotivo; outras vezes ficamos polarizados mentalmente (por exemplo, quando estudamos, quando procuramos resolver algum problema) e então surge em nós a nota do corpo mental. É por isso que não conseguimos compreender bem a nós mesmos, e tudo nos parece confuso e caótico.

Devemos nos integrar, devemos fazer a síntese de todos os nossos elementos pessoais e então poderá surgir a nota da nossa personalidade, do nosso caráter, nosso raio humano, que, embora não sendo ainda o da Alma, é um elemento importantíssimo, porque em seguida será o instrumento da Alma.

Outra dificuldade que encontramos quando procuramos descobrir qual é o nosso temperamento vem do fato de que somos compostos de várias linhas de força, em outras palavras, em nós não há um só raio, mas vários. No Tratado sobre os Sete Raios, de Alice A. Bailey, está escrito que todo homem está sob o domínio de seis raios, três principais, isto é, o raio da Mônada, o raio da Alma e o raio da personalidade, e três secundários, ou seja, o raio do corpo mental, o raio do corpo emotivo e o do corpo físico.

Em nosso grau evolutivo é inútil falar do raio da Mônada que atua em níveis mais elevados; portanto, na realidade, são cinco os raios que devemos tomar em consideração.

O raio da Alma começa a fazer sentir sua influência apenas quando o homem começa a cuidar de si mesmo, a trabalhar pelo seu desenvolvimento espiritual, a colaborar com as Forças Evolutivas, e a unificar sua vontade com a vontade de Deus.

O conhecimento do raio da própria Alma permite ao indivíduo descobrir sua verdadeira "nota", sua linha de serviço e de atividade, em outras

palavras, sua tarefa espiritual mais compatível com a sua natureza interior.

O raio da personalidade surge, como dissemos antes, quando o indivíduo cumpre a integração dos vários elementos que compõem sua natureza pessoal, e os organiza, disciplina e harmoniza uns com os outros.

Os raios dos três veículos pessoais determinam nossa constituição psicofísica, o nosso caráter, o nosso temperamento humano.

Quando um homem é pouco evoluído, o raio que predomina é o das sensações e dos instintos.

O raio do corpo emotivo se faz sentir naquela parte da humanidade em que predomina a natureza emocional e é polarizada pelo "corpo do desejo".

O raio do corpo mental se manifesta naqueles que estão polarizados mentalmente, e que "sabem pensar".

Quando todos esses três raios surgem e se coordenam entre si, então se manifesta o raio da personalidade.

Com freqüência, o raio da personalidade está em contraste com o da Alma, pois a personalidade é sempre movida por considerações egoísticas, ambiciosas e separativas, enquanto o impulso da Alma é sempre vasto, impessoal e altruístico.

Entre o raio da Alma, portanto, e o da personalidade, a luta é às vezes longa e áspera, e tal luta se manifesta à consciência do indivíduo, que dela está presa, como um prolongado período de crises e contrastes interiores, de rebeliões e de superações, de sofrimento e de desapego, até que a luz se faz caminho e o homem compreende qual é a estrada certa a tomar e oferece sua personalidade, purificada e consagrada, à vontade da Alma.

É bom fazer notar que os cinco raios que compõem o indivíduo humano (sem falar no sexto, o da Mônada) não são todos diferentes. Por exemplo, um homem pode estar constituído do seguinte modo:

- a) corpo físico: 7° Raio;
- b) corpo emotivo: 6° Raio;
- c) corpo mental: 3° Raio;
- d) personalidade: 7° Raio;
- e) Alma: 6° Raio.

Como se vê, as linhas de força, neste exemplo, são três, realmente: sétimo raio, sexto raio e terceiro raio.

E isso acontece quase sempre, alternando-se os raios, naturalmente, de diversas maneiras.

é útil saber que os raios que influenciam o corpo físico são quase sempre o terceiro e o sétimo, os que influenciam o corpo emotivo são o segundo e

o sexto, e os que influenciam o corpo mental são o terceiro, o quinto e o quarto, e, mais raramente, o primeiro e o segundo. No que se refere à personalidade e à Alma, os raios dominantes podem ser quaisquer entre os sete, sem nenhuma exclusão.

Existe em cada indivíduo um raio predominante, conforme seu grau evolutivo, e será esse raio que ele descobrirá em primeiro lugar, ao fazer sua auto-análise.

Para poder compreender se o raio que predomina em nós pertence ao físico, ao emotivo, ao mental ou à personalidade, É preciso ter um certo conhecimento da constituição psicológica do homem, e ter conseguido distinguir o modo de agir, de comportar-se, de "ser", seja do nosso veículo físico, como dos referentes ao emotivo e ao mental.

No que se refere à personalidade, dissemos que seu raio se manifesta quando chega a integração dos três veículos pessoais, que aparecem como eficiência na vida, senso de direção, de potência, etc.

O raio da Alma se manifesta apenas quando o homem começa a superar o senso do eu egoístico e separatista, quando aspira melhorar a si mesmo e a ajudar a humanidade, pois na verdade tal raio revela as suas notas somente no serviço, na meditação, nos momentos de elevação e de contato com as energias superiores e impessoais.

Então, quando nos firmemos uns nos outros, atraídos que somos para eles porque nos pareça encontrar em nós aquelas suas qualidades, deveremos procurar compreender, analisando seu modo de manifestar-se, em que veículo da nossa constituição psicofísica eles vibram e atuam. Isso nos levará a compreender qual é o lado mais desenvolvido da nossa personalidade, e qual é o menos, quais são as nossas linhas de menor resistência, e quais são nossas lacunas e deficiências.

Poderemos também descobrir os equilíbrios, as desarmonias, os conflitos interiores, ou os lados reprimidos e inibidos.

Em outras palavras, o estudo do próprio temperamento em relação aos sete raios não é apenas de auxílio ao próprio autoconhecimento, mas de estímulo ao trabalho de rearmonização e reordenação da própria personalidade.

Então, devemos começar a analisar-nos com paciência e constância, de forma regular e metódica, se quisermos nos conhecer.

São aconselhadas várias maneiras, mas a mais útil e mais prática talvez seja a do *exame do serão*, isto é, a revisão das ações, dos estados de ânimo, dos pensamentos do dia, feita à noite, antes de adormecer, de uma forma desapegada e serena, que é chamada atitude do *espectador*.

Durante esse exame, se ele for regularmente feito e na forma apropriada, os nossos estados psíquicos irão aflorar, nossas tendências, nossas qualidades, os lados obscuros de nós próprios virão à luz, e os móveis das nossas ações se revelarão aos poucos.

Não é possível fazer em pouco tempo o conhecimento de nós próprios. Longo e acurado exame é necessário, feito com método e perseverança. Todavia,

os resultados virão, se soubermos ser objetivos e serenos no fazer a nossa auto-análise.

Olhar para dentro de nós mesmos será uma descoberta maravilhosa, uma obra criativa, que é a mais importante, a mais vital para o homem, porque apenas através dela o homem poderá descobrir sua natureza divina latente, que nada mais espera senão surgir à luz.

FIM